

Nome de mãe



COMPANHIA DAS LETRAS

Afonso Reis Cabral • Hugo Gonçalves
Jacinto Lucas Pires • João Tordo • Kalaf Epalanga
Mário de Carvalho • Miguel Araújo • Ondjaki
Ricardo Adolfo • Valério Romão

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Nome de mãe



COMPANHIA DAS LETRAS

Afonso Reis Cabral • Hugo Gonçalves
Jacinto Lucas Pires • João Tordo • Kalaf Epalanga
Mário de Carvalho • Miguel Araújo • Ondjaki
Ricardo Adolfo • Valério Romão

Nome de Mãe

Afonso Reis Cabral • Hugo Gonçalves
Jacinto Lucas Pires • João Tordo • Kalaf Epalanga
Mário de Carvalho • Miguel Araújo • Ondjaki
Ricardo Adolfo • Valério Romão

Mário de Carvalho



O que ficou por contar



As «mulheres sérias»,
os amores para a vida,
o recalque que tu me inculcaste
dos meus impulsos de jovem,
as oportunidades de viver
que tu me destruístes...
E enquanto os meus amigos
iam alegremente às putas ricas,
eu ficava agarrado à televisão,
a fazer-te companhia
e a guardar-me para a «mulher
séria», que é dela?,
que me calhasse ao caminho.



Aqui te eis, mãe, e eu ainda estupidamente saboreando a alforria do trato, «mãe», em lugar do tão remoto, carinhoso e obrigatório «mamã». Na última vez que te vi, tinham-te elas penteado com algum esmero, o cabelo apanhado ao alto, a figura sobressaindo da almofada, a lembrar uma elegância e um porte entranhados que a vacuidade do olhar e a lassidão do gesto mal desmentiam. Nem o estúpido tubo plástico aplicado ao recorte fino do rosto conseguia perturbar-te o sereno das feições. Sempre foste bela, mãe, para mim continuas bela, mais uma vez to digo, agora sem mo poderes perguntar, como era teu hábito, indiferente à minha turvação. Esses olhos que me pareceram parados, se calhar estavam a indagar, mais uma vez, sobre mim e para além de mim. E nem me olharam quando te brotou dos lábios um balbucio solto, leve, único, que se desprende como um soluço do corpo imobilizado e soçobrou, sem deixar sinal de recobro ou de sentido. Bem interpelei, em vários tons, bem me debrucei sobre ti, bem senti o desconforto do tipo aqui ao lado, que acentuou o fingimento de nada estar a ouvir, tão-só fitando a brancura da parede.

Hoje não. Nem penteada estás. As unhas foram cuidadas, mas os cabelos brancos espalham-se ao comprido pelos refegos da almofada e do edredão, num abandono de respirar sereno e conformado, um sono à meia-luz que não se deixa de todo interromper. Nem quando o estore foi verificado, vidros a darem para telhados abaixo, nem quando a minha mão alcançou a tua e sobre ela se deixou ficar, como tu me fazias quando eu era pequenino e não falhava uma doença infantil. Calhando, era o meu gosto das experiências, malogrado gosto, já a dar de si.

Sim, minha querida, eu era curioso, mas escusava de saber

tanta coisa e tão em pormenor em tão miúda idade. As chaves do minúsculo caixão, caixão de brinquedo, em que a maninha foi a enterrar foram-me mostradas por ti, uns pedacitos de metal minúsculo, presos a um cordão rosa, que, na tua tristeza, e por distração, agitaste perto do meu rosto. O pai, o trangalhadaças do pai, impediu então que me levasses ao enterro. Chamou-me a si e abraçou-me rijo, na única manifestação de ternura que dele me ficou. E de firmeza, também. Acataste em silêncio. Alguém me levou a passear para o parque e me quis distrair, mas, à noite, ouvi um rumor e fui dar contigo a chorar junto ao berço vazio, que mais tarde seria desarmado e oferecido a um parente pobre, sei lá quem. Mas as pequenas chaves não mais saíram da gaveta da cómoda e tive de me confrontar com elas vezes sem conta, insinuando-se entre folhas de bloco, bibelôs partidos e velhos couros sem préstimo. Sempre que abria aquela gaveta, iam-se sobrepondo réstias de mal-estar a que eu – considero hoje – devia ter sido poupado. Falta de tacto, mãe? Não, tacto era o que não te faltava na convivência com terceiros, com as tuas amigas, ou outros. Comigo tratava-se, porventura, de um apelo mudo a uma comunhão de sentir que eu não desejava, mas a que, toda a vida, me tentaste sujeitar. Podia o cerco ser mais distante, ou mais colado; não deixava por isso de ser um cerco e, como tal, assinalado e sentido hoje.

Que me preferias vestido de menina, chegaste a dizer às tuas amigas e sem reboço. Tiveste pena que eu não estivesse de saiazinha num casamento duma prima rica. Chegaste a vestir-me um vestidinho plissado e a mostrar-me ao espelho, num quarto da casa alheia, no meio dos risinhos das criadas e das outras crianças. Creio que foi mais uma vez o pai quem me salvou. Alguém te chamou e, depois, tu vieste muito apressada, com cara de caso, substituir-me o trajo, com alguma brusquidão.

Eu era um miúdo, mãe, um rapaz, pouco apreciador de regaços e beijos lambuzados. Cada frase com que tu, às vezes, me elogiavas, causava-me um profundo desconforto e embaraço. Eu sei que não era por querer. Mas existiam nós que tu não querias de forma nenhuma deslaçar, evitando as evidências. Eu gostava de jogar à bola na rua, nem que fosse com a bola de trapos dos miúdos da escola da Câmara, e tu retinhas-me em casa. Eu dirimia os meus interesses a soco, no caso de, bem ou mal, me sentir desafiado ou desfeitoado. Mas tu, ao saber de qualquer zaragata em perspectiva, apressavas-te a telefonar a mães e pais, transformando o que podia ser apenas uma contenda de caras esmurradas e nódoas negras quase em assunto de Estado. A coisa corria e, no dia seguinte, todos me olhavam de esguelha, no liceu, e rosnavam mofas. Tu ofereceste-te para pagar um prejuízo qualquer que eu causei, um bolo no chão, quando eu poderia ter resolvido o caso à minha maneira, que era a dos demais rapazes com quem eu acompanhava. Não sei se um brio desta sorte ferido alguma vez se recompõe. Permaneceu uma marca em qualquer lado, razão para me lembrar. Mas também cá ficaram as tuas outras intromissões, mesmo as de que não estou agora lembrado.

Chegou a enfermeira e duas auxiliares. Pediram-nos que nos afastássemos, correram um cortinado em volta da cama. Eu ouvia-as a rirem-se e a galhofarem entre si. Era o menos. Mas houve uma outra coisa que não pude deixar que passasse em claro e adverti, quando saíam:

«Peço o favor de não infantilizarem a minha mãe. Esses diminutivos não são para aqui chamados. Não é nenhuma criança. Respeitem para serem respeitadas.» Uma das mulheres ainda fez menção de responder. Não lhe faltou a mão na anca. Olharam para mim e para ele, que fez um gesto vago, de ombro retesado. A enfermeira levou-as daqui. Em silêncio, felizmente.

Estás agora noutra posição, mãe. Mudaram-te o soro,

vestiram-te outra camisa de noite. Voltada para cá, mal sinto o teu respirar, débil calor na palma da mão. E parece-me agora ouvir, muito ao de leve, o som de uma distante gotícula, exígua mas persistente.

Era tudo para meu bem, claro, foi para meu bem que me fizeste tanto mal, mamã. E punhas-te a sonhar alto nos momentos intermináveis em que me conduziás, no teu carro, para a remota piscina onde fazias questão de que eu aprendesse *crawl* olímpico, com todas as regras. Os outros moços da minha idade iam para a piscina da Câmara mais próxima e sozinhos, ou em grupos, todos aprenderam a nadar, de cambulhada com brincadeiras e bruços trapalhões. Mas comigo era outra coisa. A mãe preparava-me elevados desígnios e o meu estilo de braçada havia de fluir e impressionar em consonância.

Talvez isso só se tivesse verificado a partir de certa altura, porventura a morte da minha irmã, mas as relações entre ti e o pai vieram-se azedando. O pai foi estando largas temporadas fora, em «negócios» nunca cabalmente esclarecidos. Em casa, mal se falavam, à mesa, só por monossílabos. Mas, mãe, tu não devias ter-me chamado a essa contenda que era só vossa e muito vossa: «Queridinho, fazes um favor à mãe, fazes? Dizes ao teu papá que não gostas que ele maltrate a mamã. Olha, pergunta-lhe mesmo: ‘Papá, porque é que tratas a mamã tão mal?’ Vá, vai lá e diz-lhe. ‘Já disseste, já disseste?’» Claro que eu não disse. E tu a não te aperceberes do sofrimento tão doloroso que me causaste com essa incumbência... Passei a evitar o pai, fugia quando ele vinha, aliás sempre distraidamente, abraçar-me. A verdade é que ele não fez perguntas. A bem dizer, estava-se nas tintas. Mas de todas as vezes que o via pensava e remoía no espírito as palavras que tinha de lhe dizer. Nunca fui capaz, e ainda bem. Mas tu não me poupaste, mamã.

Mesmo sendo eu muito novinho, ainda de bibe (horrível

bibe!) tinha o senso moral suficiente para perceber que estava errado tu vasculhares as roupas e a carteira do pai, quando ele abandonava o casaco no cabide, leres-lhe os papéis, ou escutares a uma porta o telefonema que ele estava fazendo. Também não achava bem, nas temporadas cada vez mais longas em que o pai não se encontrava, aqueles telefonemas pontuados de risinhos, de «nãos» fingidos, cheios de «hoje não, amanhã se verá...». Eu tentava interromper, tomar-te a atenção, mas tu arredavas-me e continuavas esses telefonemas melados que eu, pelos anos fora, nunca soube, ou quis saber, aonde conduziram.

Mas não pude deixar de os balancear, anos mais tarde, com a tua conversa de amigas, ao chá, a versar sobre «mulheres sérias» e toda uma serrazina de meias-palavras a respeito de Fulana e Beltrana que não se sabiam comportar em termos. Embora eu depreendesse que todas aquelas mulheres «sérias» a sorver tão compostinhos golos de chá sentiam uma secreta inveja das outras que, porventura, conseguiram «comportar-se mal», o estereótipo da «mulher séria» ficou arreigado em mim.

As «mulheres sérias», os amores para a vida, o recalque que tu me inculcaste dos meus impulsos de jovem, as oportunidades de viver que tu me destruíste... E enquanto os meus amigos iam alegremente às putas ricas, eu ficava agarrado à televisão, a fazer-te companhia e a guardar-me para a «mulher séria», que é dela?, que me calhasse ao caminho. Altos destinos... Pois sim.

Veio o médico sisudamente com uma enfermeira: «Saíam por um instante, por favor.» Não tardaram quase nada. Ainda a ajeitar o estetoscópio ao pescoço, o jovem médico fez-me sinal e chamou-me à parte: «O senhor é que é o filho, não é?» E, baixo, acrescentou: «Vá-se preparando para o pior...» Eu levantei o tom de voz, mudei de assunto, disse que a minha mãe estava a ser infantilizada, que merecia um tratamento de adulta e lhe fossem poupadas as falinhas de diminuição. O

médico respondeu-me que isso não era com ele, era assunto de enfermeiros e auxiliares. Eu que utilizasse as vias próprias. «De resto» – acrescentou, apontando para o meu acompanhante –, «não creio que o senhor esteja nas melhores condições para fazer esse tipo de observação.»

Mas ao ouvir o que me pareceu ser uma débil tosse precipito-me para dentro do quarto. A mãe, na mesma posição prostrada, remove os ombros ao de leve, vem-lhe mais uma tossícula, quase inaudível, um leve e prolongado suspiro e retoma a imobilidade. Receio o pior, asseguro-me de que a ténue respiração está normalizada e deixo-me cair de novo na cadeira.

Perdoar-te, mãe? É tão difícil perdoar-te aquilo que só hoje eu mal ousou formular... Um catraio não tinha que estar informado de tudo. As coisas têm o seu tempo. Não precisava de saber que as mulheres adultas, mãe e amigas, abaixo do umbigo não mostravam aquela lisura de pele e elegante boleio fendido, levemente rosado, das minhas primitas na praia, antes um triângulo escuro, mágico, porventura maligno, que captava e aprisionava os olhares.

Menos precisava de saber, então, que as mulheres têm ciclos e vê-lo demonstrado pelos lances de vermelho vivo que me eram apontados, com um trejeito de à-vontade, na louça sanitária. Educação descomplexada, moderna? Eu não merecia ser submetido a essa prova, não. E se tu mereceste tê-la apresentado, mãe, reservo o meu perdão. Lamento.

Eu também não quis estar, tão jovem, no órgão superior daquela grande empresa, a fazer conversa com uns senhores engravatados, de fatos cuidadosamente escolhidos, que, ao almoço, casacos desapertados, contavam facécias e anedotas porcas, a ver qual mais dava.

E porquê Direito? Foste tu quem me matriculou, à pressa. Ainda eu estava indeciso, eras tu a fechar-me os caminhos.

Barafustei, mas tu aguentaste. O pai felicitou-me com um telegrama vindo do Canadá, ou do fim-do-mundo por onde ele andava. Sempre distraído. Nunca mais soube dele. Lá me tornei especialista naquilo. Operações financeiras, quanto mais complexas mais compensatórias. Pode-se ser especialista em dada matéria e odiá-la? Pode, sim, em mim tens a prova provada.

Entreabres os olhos, estremecem-te as pálpebras como que encandeada. Mãe, mãe! Sou eu. Estou aqui, mãe! Diz-me qualquer coisa, mamã. Já não é altura, pois não? Os olhos de novo cerrados e tu, tranquilamente, regressas para dentro, pairando em ontem...

E se fosse só aquilo, mãe... Não tinhas que contar às minhas amigas, rindo-te, os enredos da banda desenhada que me oferecias e lias em primeira mão. Eram as minhas coisas. Nem devias ver os mesmos filmes e o mesmo teatro. Nem vir-me tapar, em adulto, quando eu estava doente. Era a minha vida, só minha.

E o casamento de grande estado? Tiveste que vender jóias, eu sei. Eu inteiriçado que nem um pau para toda a ordem, enfiado naquele estúpido fraque, facha obrigatoriamente arreganhada. O pai nem o telegrama da ordem mandou. A noiva, à noite, mostrou-se inoperante.

Dei-te um desgosto com o divórcio. Havia de ter algum. Mas aí já não te consenti, minha querida, as tentativas de mediação. Eu tinha descoberto, enfim, as mulheres, as do meu tempo, que sabiam jogar o meu xadrez, e não me fartei. A esposa que tu me arranjaste ciranda pelas capas das revistas. Falamo-nos, educadamente, em nos encontrando.

Quem nunca mais vi foi a jovem com que quis namorar, durante o curso. Fizeste tudo para minar essa relação. Chegaste a tratá-la com desprezo, quando a levei lá a casa. Impingiste-lhe os teus conhecimentos sobre porcelanas chinesas, não

perdeste nenhum pretexto para lhe demonstrar que ela não pertencia ali. E arranxaste maneira de eu não me encontrar disponível. Ela fartou-se. E fez bem. Não lhe daria prazer nenhum o saber que eu ainda penso nela e que romantizo aquela ligação, ora como triunfal e libertadora, ora como apaziguadora e serena. Sonhos.

Chega o enfermeiro com um carrinho e uma parafernália de tubos, frascos e aparelhómetros, num eriçamento medonho. Vem de máscara. Estaca e olha para mim, estranho olhar sem rosto. Hora do tratamento. Há que sair.

Chegou a altura, mãe. Tenho de ir. Ignoro se me deixarão ver-te outra vez. Mas é bom que saibas que, não obstante o que me ocorreu dizer, é-me impossível odiar-te!

Já no corredor, estendo mecanicamente os pulsos:

«O senhor doutor compreenderá...» – quase segredou o meu acompanhante, muito discreto, – «tenho que o levar algemado. É das normas.» Até sempre, mãe!

Valério Romão



Um homem muito alto e uma
mulher muito baixa entram
num bar



A minha mãe grávida aos
quarenta e três anos, o meu pai e
migrado em França, o Portugal
de Marcello Caetano nos idos
de setenta e três esfarelado
por dentro, um país mobília
velha comido e conservado pelo
mesmo caruncho, um imenso
faz-de-conta caninamente
manso [...], a minha mãe
a descer e a subir furiosamente
a escadaria da igreja na tentativa
de me abortar, que eu não havia de nascer ali
naquele tempo
bruto e enevoadado.



De onde eu estava via-se apenas um preto enorme lá ao fundo e as pessoas pendiam para a esquerda e para a direita da fila para lhe tentar adivinhar a altura à distância e faziam apostas, e eu olhava maravilhado não somente para o sujeito que era certamente o maior homem que já vira mas igualmente para um sapato que, pendurado sobre a porta de entrada em jeito de troféu de pesca, dava ares de ter sido retirado do pé de um adamastor longínquo vergado a muito custo numa batalha à qual os poetas ainda não tinham prestado a devida reverência lírica.

O homem recebia as pessoas num silêncio de luto, apertando-lhes a mão mecanicamente e abanando a cabeça, e o sol mostarda de Outono recortava-lhe no rosto uma fatia de luz que lhe pendia sob os olhos como uma pintura tribal, o homem não sorria, não falava, cumpria numa diligência de pastor luterano as suas parcas funções de anfitrião contrariado e quando alguém se demorava mais do que o suposto no baque de o olhar de cima para baixo este içava do braço para, encostando a palma continental da mão nas costas do retardatário, o encaminhar para dentro do vagão.

Era Outubro e era a Feira de São Francisco, eram os carrosséis e os carrinhos de choque, os blusões grossos fingindo couro polvilhados de insígnias geométricas de pano a fazer lembrar o *Top Gun*, era o chão de terra permanentemente ensopado de onde se levava para casa barro suficiente para fazer dois cinzeiros, eram os carrinhos de pipocas decorados numa fúria cromática capaz de orientar um barco fendendo o nevoeiro rente à costa, cada um deles competindo com os restantes no apelo aos passantes, e a coisa ia do sublinhado à responsabilidade parental *pipocas, o melhor alimento do mundo!*

ao incentivo desavergonhado à birra infantil *chora, miga, que a mãe compra!*, eram as espingardas de ar comprimido de onde saía um peidinho de chumbo cansado numa direcção quanticamente aleatória, a trupe de caçadores bêbedos sorrindo de cada vez que um deles as empunhava, *um gajo com isto não ferrava nem um tractor a dormir!*, era o barulho inclemente e cacofónico com o qual se anunciava num tropel praticamente incompreensível de sílabas um jogo imperdível de atoalhados por gente de microfone ao peito cuja carreira poderia ter sido na pesca de pérolas, o barulho do início e do fim das sessões de osteopatia amadora na pista de carrinhos de choque, o barulho dos carrosséis rodopiando numa distribuição fortuita de leite azedo e vinho tinto, o barulho das pessoas alçando a voz para melhor expressarem desentendimento, o barulho dos geradores reumáticos alimentando o sistema nervoso central de todo aquele som e luz, o barulho que só terminava quando os últimos bêbedos se viam desalojados do banco alto rente a um qualquer balcão onde haviam planeado evitar a companhia da família.

Era eu ali no meio, provinciano púbere espantado com tudo, os meus passos no encalço dos passos dos mais velhos e mais afoitos, eu que da vida social era mestre apenas na óptica do observador, sempre envergonhado, sempre com medo, sempre vestido para um baptizado, a minha mãe compondo-me as patilhas com uma generosa leva de cuspo e endireitando-me um casaquinho num tom de bege entre a fartura e a pelagem de alguns burros que se confundem com a seara, repetindo inevitavelmente a ladainha com que se despedia de mim fosse para um dia de escola ou uma sessão de cinema, *não fumes, não aceites nada que te dêem, não te metas na cerveja, volta cedo*, eu sacudia-lhe as mãos que nasciam por cima de mim tentaculares, ela descobrindo em cada leva uma madeixa desalinhada, uma migalha de tamanho subatômico, um

pretexto para me ter mais tempo debaixo d'olho, eu que queria sair dali e ver o mundo, sair de Tavira, claro está, ir por exemplo a Lisboa onde me garantiam estarem sempre a acontecer coisas, coisas com que uma pessoa ali não ousava nem sonhar, coisas através das quais o mundo ganhava algum sentido ou, pelo menos, alguma dimensão, e enquanto não tinha idade para me pôr ao caminho numa felicidade canina de quem vai farejando tudo pela primeira vez, aproveitava qualquer ocasião que tivesse para me afastar de casa, o que, não sendo exactamente uma saída era, pelo menos, um benfazejo intervalo.

Era a chuva caindo tímida sobre a fila compacta e ainda assim afastando os mais empedernidos algarvios, perpetuamente confusos com a ideia de estações do ano, e a gente chegava-se rapidamente à frente não fosse um espertalhão com mais corpo ou hormonas aproveitar a aberta para lá enfiar a família a reboque, quando embatíamos distraídos na criatura defronte bocejávamos uma desculpa coral, todos de olhos postos naquela estaca de homem feito farol da nossa curiosidade, em Tavira não havia negros senão nas obras, e ainda assim poucos e muito menos daquele tamanho, os negros que víamos sem ser a acartar baldes de massa eram os mesmos que no talho ou no supermercado pediam uma cabeça de porco para guisar, para deleite civilizacional dos brancos que não tão disfarçadamente quanto isso cochichavam umas piadas simplórias – que é, no fundo, o patamar máximo do humor ao alcance do pobre – e só na tasca e sob amplo efeito de democratização ética se atalhavam ocasionalmente algumas conversas inter-raciais nas quais os brancos percebiam que estavam mais próximos dos negros pela miséria que era comum a todos do que distantes e seguros, do outro lado do fosso imaginário das diferenças de pigmentação, e não raramente a descoberta se convertia em frustração e esta

se tornava no combustível com que alimentavam a fornalha de insultos com que brindavam indiscriminadamente as coisas e as pessoas à sua passagem, no regresso trôpego a casa.

Era ainda em escudos que se pagava, duas moedas de cem convertidas num ingresso numerado que uma gorda aborrecida arrancava pelo picotado e nos passava por baixo de um vidro sujo e baço, uma mulher num vestido larguíssimo de padrão florido que juro ter entrevisto mais tarde num poema da Sylvia Plath descendo umas escadas à noite para beber água, e quando chegávamos mais perto do homem é que percebíamos que ele estava sentado, que havia ainda mais homem do que aquele que já nos causava considerável espanto, um dos meus amigos mais afoitos perguntava-lhe se ele se podia levantar e pela primeira vez víamo-lo esboçar uma expressão diferente, dir-se-ia que um sorriso – acaso o sorriso tivesse equivalência num corpo daquele tamanho, o que era de todo incerto – e o homem desencaracolando como uma árvore a espreguiçar-se ia subindo por ali acima até nos curto-circuitar o músculo que mantém a boca fechada, os mais sensíveis persignavam-se num espanto de apocalipse, ele estendia-me o braço longuíssimo por onde me via trepar como um saguim assustadiço, dava-me a costureira palmada nas costas com que desfazia o torpor do espanto e aos tropeções uns nos outros entravávamos no vago quase às escuras.

Andávamos ali dentro aos apalpões até a vista se acostumar à luz, e de um pequeno corredor que percorríamos num inédito silêncio adolescente passávamos para uma sala cujo chão e paredes negros eram pontilhados por focos incidindo sobre umas caixas de vidro onde toda a sorte de criaturas irreais posavam mortas, aproximávamo-nos receosos daqueles aquários de troféus, baços das dedadas dos curiosos, dentro do primeiro estava um borrego pequeno rudimentarmente embalsamado com duas cabeças aflorando da raiz de um

pescoço minúsculo, os olhos eram uma espécie de berlinde leitoso onde alguém tivesse desenhado sem grande precisão aquelas pupilas horizontais a que não se adivinha consciência, duas cabeças, quatro olhos, duas criaturas, um corpo, todo um tratado de erros aritméticos básicos, a gente varria-o de cima a baixo em busca das costuras, da fraude, um dos rapazes do grupo recitava em catadupa um pai-nosso com que se protegia daquela visão, e mesmo os mais recalcitrantes à ideia do divino se defendiam numa lógica escolástica, porque nosso Senhor no seu infinito cuidado jamais permitiria semelhante ofensa à Sua obra, eu pelo contrário não me interessava nada saber se o bicho nascera assim ou fora enxertado para impressionar o pobre, o que me interessava do borrego bicéfalo ou do cão com duas patas suplentes era a ideia, a ficção, para mim aquele repositório de quimeras era a tradução mais perfeita da insuficiência que sempre sentira relativamente ao mundo, da necessidade lúdica de lhe desenhar outros contornos, de lhe acrescentar bocados simplesmente pelo prazer de o modificar, queria lá saber se era Deus ou o homem a perverter a natureza das coisas ou se a perversão se dava antes ou depois do nascimento e da morte, eu via no monstro a expressão mais inflexível das regras – a cabeça, dois olhos, uma criatura – e a plasticidade redentora da diferença, e se não foi naquele dia mesmo, naquele pequeno museu de horrores, que aprendi algo fundamental acerca da arte também não o terá sido mais tarde.

Quando à noite me ia deitar cumpria inevitavelmente o mesmo ritual: verificar se o esquentador estava desligado, fechar a válvula da bilha de gás e certificar-me de que a janela do meu quarto não estava completamente corrida, fosse Verão ou Inverno, porque o meu maior medo era morrer no sono, que morrêssemos todos no sono, eu, a minha mãe e o meu pai,

desprovidos até da possibilidade de num último olhar à volta assistir ao trabalho da morte e ao ruir de tudo quanto é, o candeeiro da mesa de cabeceira sempre ligado e uma magra lâmpada de vinte watts chegava para me assegurar a qualquer momento de que o quarto ainda era o quarto e de que eu ainda era eu, ao meu lado na cama o primeiro dos quatro volumes da *Enciclopédia Médica da Família*, eu abria ao calhas e descobria que um sujeito podia morrer tão repentinamente que dava igual estar acordado ou a dormir, aneurisma, apoplexia, AVC, de que nos podiam valer os olhos abertos ou a luz acesa, ou mesmo as duas cabeças do borrego bicéfalo, despertava a meio da noite aos gritos, a minha mãe acorria do quarto dos meus pais, eu sentado sobre a cama gelatina adolescente de palavra imprecisa, ela ia-me reclinando devagar como se acamam as gruas doentes, sussurrando-me coisas de tranquilidade e futuro ao ouvido, e era assim que eu varava muitas das noites em que a incerteza e o medo me visitavam de mãos dadas.

A minha mãe grávida aos quarenta e três anos, o meu pai emigrado em França, o Portugal de Marcello Caetano nos idos de setenta e três esfarelado por dentro, um país mobília velha comido e conservado pelo mesmo caruncho, um imenso faz-de-conta caninamente manso onde as pessoas todos os dias saíam de casa com um futuro imaginário no bolso para trocar à mesa do café ou da tasca, a minha mãe a descer e a subir furiosamente a escadaria da igreja na tentativa de me abortar, que eu não havia de nascer ali naquele tempo bruto e enevoado, a minha mãe com os pulmões a arder e nem uma farripa de sangue nas cuecas, a minha mãe resignada num autocarro para Clermont-Ferrand sem saber uma palavra em francês, uma casa velha num primeiro andar onde o Inverno entrava como um fantasma, a minha mãe a alimentar o dia todo um antiquíssimo fogão a lenha no qual fervia água para o banho, o meu pai pendurado por um barão na arriba da

cobertura de um oitavo andar para colocar umas telhas de xisto, quando olhava em redor via a cidade espraiar-se dolente naquela bacia cercada pelo Massif Central, é aqui que ele vai nascer, pensava, não é casa mas casa se fará, e no dia doze de Outubro a minha mãe entrava cedo nas urgências da maternidade, ao meio-dia estava despachada, de pequeno mamífero imberbe ao colo, o meu pai eufórico perguntava-lhe se ela ainda me queria dar para adopção, tão contrariada que estava com a minha vinda, a minha mãe respirando fundo como sempre fazia quando ele dizia disparates, como é que lhe vamos chamar, a minha mãe e o meu pai atirando uns nomes para cima da cama de hospital de onde emergia um por consenso, um nome que nunca cheguei a calçar, um nome de que toda a gente se esqueceu, pois quando o meu pai chegou ao registo três dias depois para me levar e à minha mãe para casa ainda estava bêbedo e à pergunta pelo nome do bebé improvisou.

A minha mãe metera na cabeça a certeza da minha morte e de cada vez que eu espirrava ela adoecia, quando aos três anos fui um dos dois contemplados pela roleta russa de um surto de meningite na pré-primária a minha mãe, a caminho do hospital comigo no banco de trás fervendo em febre, pouco dada às coisas do céu e do inferno às quais o meu pai levemente marxista chamava tolices para miseráveis, contraía uma dívida de promessas a nosso Senhor absolutamente excessiva face ao tempo de vida para as pagar, o meu pai numa condução de fogareiro queimava todos os sinais de trânsito enquanto o meu corpo no banco de trás se ia silenciosamente fechando num prenúncio de falência, o meu pai à chegada ao hospital entrava urgências adentro comigo nos braços a gritar, a minha mãe ficava sentada no carro à espera da inevitável notícia, olhos postos no tablier onde uma medalhinha de São Cristóvão padroeiro dos viajantes supostamente nos velava nos dois mil

quilómetros que separavam trabalho e casa, o carro que ia sempre atulhado de prendas do primeiro mundo para justificar o nosso estatuto de emigrantes, eu acordava aos berros com uma agulha grossa enfiada na coluna, quatro enfermeiros judocas acotovelavam-se por cima de mim para não me deixarem mexer, meningite bacteriana confirmava-se pouco depois, prognóstico reservado sussurrava um médico no corredor ao meu pai, uma semana a oxigénio, uma semana em coma, eu regressava do lado de lá com uma epilepsia que me havia de acompanhar até aos treze anos, a minha mãe, que depois de conseguir sair do carro passara os restantes dias concentrada apenas na minha respiração, olhava para mim como quem olha para um pardalito caído do ninho, por mais que eu faça o destino é certo.

O herói não é a montanha, é o planalto, não me lembro já onde li isto, se terá sido num haiku japonês eternamente críptico para quem vê nascer o sol deste lado do mundo ou num daqueles filósofos franceses do século dezasseis com tempo a mais, mas poderia ser o epitáfio da minha mãe, campeã da longa distância existencial, movida pelo imperativo de nos manter vivos, a mim e às minhas irmãs, ao meu pai, aos netos e bisnetos, a toda e qualquer criatura calhando a orbitar em seu redor por algum tempo, o oposto exacto do herói convencional no sítio certo à hora certa fazendo coisas de mudar o mundo num curto espaço de tempo, a minha mãe as pessoas que Raskólnikov encontra na Sibéria do seu exílio cortando madeira, atendendo às searas e aos animais, celebrando o solstício de Verão, a minha mãe na Sibéria de todas as casas que tornou casa ajeitando-nos a gola das camisas, mungindo-nos a febre a boiões de Vicks Vaporub, falando de nós num fervor de apóstolo divulgando a boa nova, sempre pronta para

regressar ao fim da fila, implacável no cuidado.

A minha mãe com oitenta e nove anos acamada, uma filigrana de vida pendendo-lhe dos dedos, um currículo absolutamente banal ao olhar destreinado, nem um feito de monta para lhe coroar o passado, para a medalha do reconhecimento alheio, uma vida como quem não passa pela vida, eu dobro-me por cima dela para lhe conseguir ouvir a voz que a custo lhe trepa da garganta à boca, pergunta-me como sempre o que comi, se me tenho agasalhado neste Inverno, se tenho conseguido pagar as contas, se estou feliz, se finalmente estou feliz, das raras vezes em que se lamenta da sua crescente impotência para tudo é para se desculpar por não nos poder ser mais, é como se existir fosse apenas útil na medida de ser uma função nas nossas vidas, como se existir fosse uma coisa acontecendo nos outros, a minha mãe aquele corpo frágil mirrado pela inclemência do tempo, aquele corpo que ainda há pouco se agitava nos bailaricos de terceira idade do pavilhão multiusos de Albufeira onde esfalfava velho atrás de velho, passando de um para o outro quando lhes detectava no rosto a arritmia, aqueles braços de onde a pele pende flácida que acartaram incontáveis arrobas de alfarrobas e amêndoas e que agora mal servem para segurar uma caneca trémula por onde nos melhores dias bebe uma sopa, de nada me vale a *Enciclopédia Médica da Família*, as sessões de psicoterapia para ultrapassar o medo do escuro, os antidepressivos que me guardaram à distância das pontes, de nada me vale mostrar-lhe o meu filho silencioso na tentativa de lhe sacar um sorriso, tudo lhe passa a considerável distância ou por ela imperturbavelmente como neutrinos, aquele corpo é só um peso a desenhar um contorno impreciso no colchão de onde ela já raramente sai, a gente abeira-se da cama, a gente ajoelha-se, a gente recebe uma courela de terra, um relógio de ouro falso, um papagaio de pirata em porcelana, ela vai dividindo as

coisas em vida com os olhos postos no apeadeiro final, este corpo um entreposto de onde emerge de vez em quando o passado a cheirar a esteva e a leite coalhado, este corpo de pés pequenos correndo descalços serra fora porque estes olhos viram uma pequena perdiz ao longe, a gente recebe um bolo de arroz tremendo-lhe nas mãos, a gente tira-lhe a cinta de papel e parte-o ao meio, a gente devolve-lhe uma metade do bolo e ela deixa-o cair, a gente finge aborrecer-se com ela como ela se aborrecia connosco em crianças, este corpo é apenas uma resistência à luz que lhe faísca por dentro, um impedimento gasto que lhe coarcta a vontade rente à saída, tens de comer, insistimos, tens de comer para ficar melhor, mesmo sabendo que nada de melhor se pode esperar do que uma brevíssima interrupção do declínio, mas é a ficção que nos mantém à tona, a gente a fingir que a engana e ela a fingir-se enganada e assim se avia uma colher de sopa mais, ela contrariada fecha teimosamente a boca quando a verdade lhe assoma ao perto, tens de comer, mãe, para quê, sim, para quê.

Um dia perceberemos porque morrem as mães, um dia, quando a física nos tiver finalmente encaminhado para dentro de um buraco para dele sair do outro lado do universo com um papiro digital na boca, preparados para vermos respondidas algumas perguntas fundamentais, e se quanto à natureza da matéria e da energia já ousamos dar dois passos, no que diz respeito ao inflexível mistério de ser o que somos, apenas artistas e filósofos continuam a escrever umas perguntas na areia, vem a preia-mar e leva aquilo tudo e recomeça-se do zero, vem o veraneante semeando beatas de cigarros e ri-se entre golfadas de fumo, vem a economia mundial e dá-nos uma ensaboadela por não estarmos concentrados no problema dos corredores logísticos emperrados que impedem as crianças do primeiro

mundo de terem uma nova iteração de uma consola qualquer, vem o pobre e despreza-nos pelo tempo que temos para pensar nisso e não em pão, vem o teu vizinho e dá-te um açoite porque ninguém resiste a um homem concentrado sobre si, um homem perigosamente alerta ao pulsar dos seus órgãos, mudo de espanto e ainda assim a fazer perguntas, vem a ciência e diz-te que isso é tudo físico, ou químico, ou biológico, que somos todos escravos de coisas infinitesimais organizando-se continuamente, e se perguntas porquê levas com uma fórmula na tromba para ver se deixas de te armar em esperto, e na verdade ninguém te sabe responder, porque morrem as mães, porque se some esta única e insubstituível luz, quando dás por ti pareces uma daquelas criaturas irreais dentro dos aquários de vidro, a vida passa lá fora embaciando-te a janela, as pessoas olham para ti como se tivesses duas cabeças ou quatro pés quando na verdade tens apenas uma dúvida, uma dúvida tão legítima quanto o porquê de ter nascido, aliás as duas passeiam juntas de mão dada no parque, toda a gente olha para elas fingindo votar-lhes indiferença como se finge come que vais ficar melhor, toda a gente a assistir a este filme experimental ou ao discurso deste psicanalista francês abanando a cabeça como se percebesse, há uma criança que se levanta a meio e ri, quando dás por ti és o sujeito da procissão de meia dúzia de curiosos, sobre ti incide continuamente uma luz branca, as pessoas aproximam-se na segurança de que há um vidro entre ti e elas, quando calhas de te mexeres para te coçares vê-las pular instintivamente para trás, eu tenho a certeza de que se mexeu, ai, que me assustas, deixa-te disso, está empalhado, está morto, é só uma curiosidade, são só palavras.

João Tordo



O velho artista



Cala-te, vaca, respondeu
a minha mãe, agitando-se
na cadeira enquanto eu
a encostava à mesa do dominó.
Os velhos riram-se. Um deles
estava sentado em frente
a um computador junto à parede;
no ecrã desfilavam imagens
de pornografia. O velho ria-se
de boca aberta, poucos dentes.



Poucos dias após o velório do meu pai, fui visitar a minha mãe ao lar. Na cerimónia fúnebre, um velho conhecido perguntara por ela. Como é que está a nossa Annabelle?, hã?, fez questão de dizer, entredentes (todo vestido de preto, rosa na lapela). Sobrevive a tudo, respondi. E o que achas tu disto, hã?

Era o velório mais estranho de sempre. O meu pai faleceu de cancro do pâncreas, uma doença fulminante que o levou em menos de três meses após o diagnóstico; contudo, teve tempo de planear isto. Todos os que entravam na capela eram recebidos por um ecrã de televisão, ao lado do qual o velho artista jazia no féretro (o rosto tratado e maquilhado); no ecrã passava um vídeo muito antigo, feito numa câmara Bell & Howell de 16mm que tinha pertencido ao meu avô.

Acho bizarro, respondi ao velho conhecido, mas, acima de tudo, acho quase cruel.

Era um vídeo do seu próprio nascimento na cerimónia da sua morte. As imagens a preto e branco, degradadas, instáveis. O pai dele filmara o procedimento — o sofrimento no rosto da mãe, duas parteiras em volta dela, o bebé a emergir para o mundo, a violência do choque, o cordão umbilical, sangue, placenta, o fim da agonia; assim que a filmagem cortava para o recém-nascido ao colo da mãe, regressava ao princípio, em loop, enquanto na capela os amigos e família se sentavam e murmuravam baixinho, num loop da morte. Numa fila, sozinha, uma mulher bonita, de olhos verdes, tapava a boca para ocultar um bocejo.

O meu pai morreu aos sessenta e sete, Annabelle era três anos mais velha. De facto, sobrevivera a tudo. Tivera um acidente vascular cerebral sete anos antes; durante algum tempo, deixara de conseguir falar, e só conseguia mover a mão

direita (que usou para continuar a fumar), mas o tempo, estranhamente, parecia ter resolvido o seu problema de expressão. Agora falava mais do que nunca. Falava pelos cotovelos, nunca se calava, como se estivesse a vingar-se do tempo de silêncio. Cinco anos depois do AVC, sobreviveu a um ataque de coração, e os médicos colocaram-lhe um pacemaker, visível debaixo da pele enrugada, do lado esquerdo do peito.

Esta porcaria foi tão cara que ainda ma roubam, disse ela, quando voltou a casa do hospital. Não me levam a prata nem as jóias, levam-me a mim e vendem-me na Feira da Ladra, refilou, maldisposta, os dedos compridos a tocarem constantemente na máquina subcutânea que agora ajudava a regular as batidas cardíacas. Dois anos antes do lar, chegou o Alzheimer. Foi súbito, e os sintomas progrediram rapidamente. Em menos de seis meses, deixou de conseguir funcionar sozinha. Embora pudesse contratar uma enfermeira, Annabelle fora bastante clara a respeito do seu desejo de deixar a sua casa — onde, garantia, existiam espíritos malévolos que constantemente lhe mudavam as coisas de sítio.

Escondem-me os comprimidos, queixava-se. Os homenzinhos, à noite, sobem pela parede e vão acender a luz.

E a mãe, o que faz?

Grito-lhes, confessou-me. Vão-se embora, homenzinhos!, e depois levanto-me e ataco-os com a vassoura. Às vezes também põem a torradeira a funcionar. Sem pão lá dentro. A casa toda a cheirar a queimado. E comem-me as bolachas. E sobem para o balde. Quando os ataco, caem do balde da tartaruga, e morrem. Cabrões de merda.

Nunca a ouvira dizer palavrões antes. Agora, proferia-os sem dó nem piedade. Os «homenzinhos» — eu imaginava aqueles soldadinhos de plástico a escalarem as velhas paredes do apartamento — eram os seus grandes inimigos, os «cabrões».

Quando cheguei ao lar, nessa tarde, encontrei-a sentada na

cadeira de rodas, a tentar fazer um buraco na parede com as unhas. Esgravatava o estuque com o dedo da mão direita, devagarinho, raspando. Senhora Freimund, olhe que porcaria, disse o enfermeiro João, um rapaz com bom aspecto, que era parecido, de acordo com os outros funcionários, com o Justin Timberlake.

A minha mãe olhou-o, desconfiada, com aquele sobrolho levantado que eu lhe descobrira depois da doença, e respondeu:

Meta-se na sua vida, filho da puta.

João riu-se. Devia estar habituado a ser chamado de tudo. Começou a mudar-lhe a roupa. Da janela viam-se os carros que cruzavam a Avenida do Brasil, chegava-nos o som dos aviões a descerem para o aeroporto. Olhei pela janela enquanto o enfermeiro tratava daquela tarefa. Depois, empurrei a cadeira de rodas na direcção da sala comum. Estava cheia de velhos, todos eles submersos numa forma qualquer de amnésia ou esquecimento, de ausência. Um grupo reunia-se em torno de uma televisão, onde passava um daqueles programas da tarde em que as bandas de música tocam e cantam em playback; outro grupo, em volta de uma mesa, jogava dominó. Os mais doentes, ou fisicamente degenerados, sentavam-se ao fundo da sala, junto de duas janelas tristes que abarcavam as traseiras da avenida (céus cinzentos, chorosos), e limitavam-se a olhar para o vazio, como se os olhos já não fossem coisas de ver, mas espelhos do que acontecia no interior de cabeças quase vazias, onde o passado por vezes desfilava em fiapos.

Olha a nossa duquesa, disse a senhora Deolinda.

Chamavam duquesa à minha mãe — por causa do nome estrangeiro, mas também pelos modos aristocráticos; por vezes, ela insistia em comer voltada para a parede, de maneira que nenhum outro residente do lar a visse a babar-se.

Todos os velhos se babavam, era inevitável; as doenças degenerativas do cérebro castigam as capacidades motoras e a

primeira a sofrer é, habitualmente, a que coordena o funcionamento das mandíbulas — o mastigar, o engolir sem desperdício.

Cala-te, vaca, respondeu a minha mãe, agitando-se na cadeira enquanto eu a encostava à mesa do dominó. Os velhos riram-se. Um deles estava sentado em frente a um computador junto à parede; no ecrã desfilavam imagens de pornografia. O velho ria-se de boca aberta, poucos dentes.

Olhe só que pouca-vergonha, senhor Félix, disse Maria, a enfermeira brasileira, isso só lhe faz mal à cabeça.

Félix não sabia, evidentemente, que aquelas imagens eram interditas. No seu cérebro de criança, também consumido pela demência, as vaginas rosadas e os rostos lúbricos das atrizes pornográficas tinham o mesmo valor de todas as coisas divertidas. Faziam-no rir. Maria desligou o computador e o velho ficou com um ar tristíssimo; cinco segundos passados, juntou-se ao grupo dos que viam televisão, onde um conjunto de dançarinas em biquíni executava uma dança lasciva acompanhada dos aplausos de uma audiência geriátrica.

Você é bom filho, disse-me Deolinda, se visse a quantidade de palermas que ficam aqui largados para morrer, nunca mais ninguém se lembra deles.

Bom filho, pensei. O que podia eu dizer à mulher? Que visitava a minha mãe porque era o que as pessoas faziam, era o suposto, e vinha informá-la de que o seu grande amor — sempre se referira assim ao meu pai, ainda que estivessem separados há quarenta anos — acabara de morrer e era importante que ela soubesse?

Justin, canta-nos uma musiquinha, pediu Deolinda, enquanto o enfermeiro João andava à volta da mesa a tentar colocar os babetes do almoço aos utentes que não eram capazes de comer pela própria mão. What goes around comes around, comes around..., cantou e dançou o enfermeiro em volta da mesa.

Uma das senhoras que jogavam dominó mandou abaixo uma torre de peças, que se espalharam pela mesa como ratinhos nervosos, pintalgados. Aldrabões!, gritou ela, e fechou-se em copas, cruzando os braços e parecendo muito triste com o jogo. Em torno da mesa, os outros utentes mandaram-na calar, insultando-a. Depois a mulher olhou para mim — tinha os olhos tortos e os incisivos projectavam-se para a frente, como uma marmota — e, parecendo esquecer-se da birra, começou a elogiar-me: Oh, que senhor tão bonito...

Mãe, interpelei-a, está na hora do almoço.

O que é isso do almoço?

O que é que lhe apetece?

A senhora dos olhos tortos atirou uma peça de dominó para o outro lado da sala. A peça foi bater na janela com força. Lá fora, uma chuva mesquinha, ajudada por um vento endiabrado, salpicava a janela. Quieta, disse Maria, com o seu sotaque mineiro, e pegou no braço da marmota, apaziguando-a.

Quando a comida chegou, a minha mãe recusou-se a comer. Recentemente, começara a adormecer no meio das refeições; por vezes, até mastigava a dormir, de olhos fechados, certamente ruminando em coisas muito antigas, tempos que ela conscientemente esquecera mas que ainda viviam nos interstícios da memória, tempos que a doença de Alzheimer encontrava enquanto, vorazmente, devorava o consciente.

Hora de comer, anunciou João. Mas Annabelle adormeceu assim que lhe dei a primeira garfada. Tentei levar-lhe mais comida à boca, despertá-la, falar-lhe em voz mais alta. Nada funcionou. A seguir, Maria aproximou-se com o pano molhado. Esfregou-o nos ouvidos da minha mãe, que despertou de chofre.

Vai para o caralho, porca!, gritou ela, olhando furiosa para a enfermeira. Um segundo passado, esqueceu-se do que tinha acabado de dizer. Sorriu-me.

Estás tão bonito, meu amor.

Falava do meu pai, claro; do velho artista. Nunca me tratara assim. Acariciava-me a mão, espremendo-me a pele entre os seus dedos, como quem testa a rugosidade de uma superfície.

Sou o Jaime, disse eu.

Oh, és tu, disse ela, e imediatamente o rosto se contraiu; os dedos recuaram. Olhou-me com os seus olhos esverdeados, algo mortiços. Ando preocupada contigo, sabes? Com a tua saúde. Estás tão magrinho. E bebes muito, muito.

Já não bebo há anos, mãe.

Outra peça de dominó voou pela sala, e foi aterrar na cabeça de Félix, que a coçou como se tivesse sido atacado por uma mosca. O enfermeiro João foi ralhar com a marmota, na testa de Félix ia aparecendo um galo. Enquanto Maria o ajudava, eu levei a colher com a papa à boca da minha mãe. Metade acabava sempre no babete.

Enquanto ela mastigava, de olhos fechados, aproveitei e disse-lhe: O pai morreu.

Ela abriu os olhos, fitou-me com desconfiança. O meu pai?, perguntou.

O meu pai, mãe.

Caiu do balde?, perguntou ela.

Sim, caiu do balde.

O balde estava muito cheio, disse ela, com um suspiro. Abanou a cabeça, como se a inevitabilidade da situação a confortasse, e encolheu os ombros. Era de esperar, insisti.

Sim, era de esperar, concordei.

O teu pai já chegou?, perguntou-me, como se a conversa não tivesse acontecido e ainda estivéssemos na minha casa de infância.

Ainda não, disse eu, alinhando.

Mas ele vem, não vem?

Sim. Quando ele chegar, eu aviso-a.

Continuei a dar-lhe a comida à boca. Pensei na tragédia que era tudo aquilo, disfarçada de comédia. Na demência, as coisas importantes eram reduzidas ao absurdo, e a morte de um marido (ainda que fosse um ex-marido, de quem ela há décadas se afastara) tinha o mesmo significado que uma tartaruga que morrera por ter caído de um balde quando eu ainda era um miúdo.

Num instante, havia o reconhecimento do facto e, no instante seguinte, o esquecimento do facto.

Ela engoliu mais um par de colheres, babando-se, e parecia prestes a cair no sono novamente (mastigando enquanto sonhava com o princípio dos tempos) quando, repentinamente, se lembrou:

Ele cheirava a sabão do supermercado.

Quem?

O teu pai, reiterou, olhando-me, a cabeça cheia de cabelos brancos abanando lentamente em sinal positivo. Cheirava a sabão do supermercado, o cabrão.

Está bem, concordei. Fale baixo.

Coitadinho. Morreu novo, não?

Sessenta e sete.

Ela ficou pensativa um segundo, enquanto um fio de papa lhe caía pelo canto do lábio. Não pode ser, ele tem uns quarenta. Quarenta e dois. Estás enganado, Jaime.

Devo estar.

Que idade é que eu tenho?, perguntou-me.

Cento e quarenta e dois, respondeu Deolinda, ao nosso lado.

Cala-te, puta.

Mãe, ralhei eu. O enfermeiro João tirou-lhe o prato da frente e substituiu-o por um pudim, servido num recipiente de plástico. Deolinda já terminara o seu. Ao fundo da sala, a apresentadora do programa de variedades gritava um número de telefone para as pessoas ligarem, enquanto os velhos se

agitavam nas cadeiras e no sofá diante daquele espectáculo colorido, a alto volume.

‘Cum caraças, disse um deles, quase aos saltos.

O teu pai era boa pessoa, disse-me ela.

Era, sim.

(Não era.)

Caiu do balde.

Sim, caiu do balde.

Diz-lhe que vou ter saudades dele.

Digo, sim.

Do cheiro a sabão.

Deixei que Maria lhe desse o pudim à boca, e fui à casa de banho. Havia qualquer coisa naquele lugar que era intrusiva, como se deixasse na pele uma patine fúnebre. Lavei as mãos e olhei-me ao espelho. Reparei que tinha os olhos húmidos; que havia um sentimento qualquer de irreparável perda que, embora estivesse a acontecer, ainda não encontrara expressão no resto do meu corpo. Alexitimia, diria o psicoterapeuta: a incapacidade subclínica de expressar emoções ou de as identificar, como alguém que vive numa casa com dois andares que não comunicam, onde não existe uma escada.

E eu vivo onde?, perguntei-lhe.

Você vive no andar de cima, Toledo. Sempre que existe ameaça do sentimento, refugia-se na razão.

Fosse ou não verdade, sucedia amiúde que os sentimentos encontravam o seu registo muito tempo depois. Por vezes, dava por mim cheio de raiva sem motivo aparente. Ou de olhos molhados na casa de banho do lar. Ou uma enorme dor atravessava-me, vinda de parte incerta.

Duquesa, disse Deolinda, o teu filho mijou-se todo.

Eu tinha encostado as calças ao lavatório, e fiquei com uma mancha enorme de água perto da bragilha.

Os velhos começaram aos gritos, achavam aquilo hilariante. Eu fiz uma vénia e fui sentar-me novamente ao lado da minha mãe, que tinha entornado o pudim.

Mãe, tenho de ir.

Ela acariciou-me a mão, espremeu a pele entre os seus dedos.

Os homenzinhos, disse ela.

O quê?

Vou matá-los, garantiu.

Mãe, o pai alguma vez lhe mostrou um vídeo do nascimento?

Do teu?

Não, do dele. Feito pelo avô.

Qual avô? O meu avô?

Não, mãe. O meu avô. O pai do pai.

Do meu pai?

Oh, meu Deus...

Quando ia a sair do lar — angustiado, deprimido —, cruzei-me com um rosto conhecido. Demorei uns segundos a perceber quem seria a mulher dos olhos verdes. Fiz um esforço por me recordar do seu nome, era Dalila, uma das antigas estudantes do velho artista. Éramos da mesma idade, contemporâneos, e ela havia namorado o meu pai durante algum tempo. Eu guardava uma recordação discreta e tímida dela — uma presença benéfica, porquanto silenciosa e comedida; a parceira ideal para um homem em ebulição.

Que coincidência, disse ela, e deu-me um abraço perfumado. Disse-me que o pai dela vivia ali no lar. Perguntei-lhe quem era; chamava-se Félix, era o velho do computador, da pornografia.

Alzheimer?, perguntei.

Demência frontotemporal, disse ela. Sorriu e observou-me com benevolência. E tu, quem tens aí dentro?

Contei-lhe da minha mãe.

És filho da duquesa!, exclamou.

Sim.

Diagnóstico?

Alzheimer.

Lamento. A tua mãe era muito inteligente.

Também é muito ordinária, agora.

Dizem muitos palavrões, não é?, riu-se Dalila. São as desordens dos lobos frontais.

Uma destas noites, organizou um motim durante o jantar, e atiraram a comida toda ao Justin Timberlake, contei-lhe.

No outro dia, o meu pai agachou-se no corredor e defecou, contou ela.

Rimo-nos das maluquices dos velhos.

Daqui a vinte anos, posso ser eu a viver aqui, admiti. Passarei os dias numa doce combinação de guerras de comida, falta de higiene corporal e insultos gratuitos.

Dalila tornou a rir-se. Os olhos verdes, tristes, iluminaram-se apesar do dia escuro. Houve um instante de silêncio entre nós, como se o fantasma do meu pai aparecesse subitamente da bruma.

Olha, não quero ser chata, mas tens as calças todas molhadas num sítio suspeito.

Olhei para baixo.

Pois é.

Ela tocou-me no braço e ia passar por mim, quando a chamei:

Dalila.

O quê?

Sei que gostavas dele. Sinto muito.

Oh, sorriu ela, obrigada, mas passaram-se tantos anos. O velho artista, riu-se, com ternura. Era teu pai, eu é que sinto muito. Morreu feliz?

Morreu a rir, de certeza.

O vídeo...?

Coisas do meu avô.

Ela ergueu o braço e levou a mão ao meu rosto. Estás a chorar, disse.

Finalmente uma lágrima. O meu pai, pensei; eu assistira ao despontar da sua genialidade e também da sua loucura, que infectou todos os que o rodeavam. O homem cujo nascimento e morte se confundiam, como se desejasse eternizar-se e ficar entre nós, cismático e teimoso, embora já tivesse partido. Afinal, um artista não pode acabar como os outros, babando-se para cima de um computador ou adormecendo enquanto um filho lhe dá comida à boca; deus o livre de experimentar esta dolorosa humanidade.

Dalila sorria. Mantivera-se intocada, saudável.

Isto já passa, respondi.

Ela abriu a carteira e, tirando um bloquinho e uma pequena caneta, escreveu numa das páginas. Arrancou-a com um movimento súbito e entregou-ma.

Liga-me, disse, e depois voltou costas e tocou à campainha do lar.

Kalaf Epalanga



Mãe de gémeos



A mamã levantou o olhar,
pediu-nos para tirar o corpo
do nosso pai. Vamos lhe fazer
descansar aqui mesmo, disse.
A parteira passou-nos a pá
e a enxada do nosso pai.
Quando, lá fora, as carpideiras
recuperadas do susto voltaram
ao serviço de continuar a chorar
o falecido, dentro do quarto
cavámos uma sepultura onde
depositámos o corpo do pai.



A parteira

Vamos te matar, velha.

Quem lhes disse que são soldado? Para mim, continuavam a ser criança com arma na mão.

Saia da frente, é o último aviso. Lhe olhei só. A senhora está a esconder um inimigo do povo. Quem falou já foi o comandante, com corpo dele grande, com barba dele farta, com testa dele franzida e em suplício. Aqui nun tem povo, só os pessoa, memo. As tais arma dele fizeram já *clack clack*. Sabemos que tá um cwatcha[1] aí dentro. Haka[2]! Assim memo julgam que vou-vos deixar entrar em casa de óbito? Assim já esse tal que vocês chamam de cwatcha nun é também vosso irmão, nun é com ele que tomavam banho de rio, nun é com ele que caçavam catuitui[3]? Ou se esqueceram já quando vos juntaram todos no quintal do quimbanda, vos raparam o cabelo e vos cortaram pontinha das vossas pilinha? Nun foi com ele que se consolaram nos medo da escuridão? Eu nun conheço cwatcha, só vos conheço o choro quando vos tirei dos barriga de vossas mãe. Velha, sai da frente, vamos disparar. O que vos impede, então? Só su eu aqui. Comandante, dê a ordem. Comandante Vihemba[4], dá então já a ordem. Assim a voz te fugiu? Assim tás a reconhecer nessas rugas as mes- mas rugas da tua mãe, comandante Vihemba. Só passando por cima do meu cadáver. Têm de me matar primeiro. Só nun vos chamo filhos duma cabra porque conheço os vagina donde vocês saíram. Fecho olhos e ainda consigo ouvir os grito da tua mãe e os grito do teu pai, te chamar de assassino, quando desconsigui salvar a tua mãe. Se nun te escondesse da raiva do homem que você chama de pai, você nun estaria aqui a arrebitar o peito e

me apontar arma. Olha só para vocês, se julgam muito homens. Pegam já na enxada, as charruas lhes abandonaram. Onde é que foram encontrar essas arma? Quem vos deu nun tinha já outra coisa de serviço para vos dar? Nas terras onde foram lhes buscar nun havia já outra ferramenta com utilidade? É com essas tais armas que vão játrabalhar a terra? Vou contar até dez. Quem vocês julgam que são? O comandante assim já esqueceu que fui eu quem dei, para vossas mãe e vossas mulher, erva-de-santa-maria para curar as lombrigas e maculos que vos comiam os rabo, osvossos e os dos vossos filho. Assim mesmo julgam que vou vos entregar um dos Vandjamba[5]? Vocês sabiam que nunca me morreu nenhum? Porque que acham que me chamam Nondjamba Osiule, mãe de gémeos, para vocês, que já nun falam a língua dos vossos avó. Eu que nunca pari nenhum criança. Suku[6] nun me deu essa bênção, mas me entregou outros barriga. Por isso, toda grávida de gémeos vem bater na minha cubata. Nunca perdi nenhum. São minhas os primeira palavra que ouvem, Ove a Ngulu, ove ambua[7]! Eu própria me encarrego de lhes dizer esses insultos. E quando os umbigos deles caem, sou eu também que venho buscar as mães deles, lhes besunto o corpo com barro e lhes arrasto no lodo e lhes passeio à volta da casa. Eu própria lidero o coro de insultose assobios, e sopro no chifre de boi. Muitas delas, vossas mãe e vossas mulher, quando lhes foge os força nos joelho, su eu que garanto que o balaio de canjica[8] não desfarelada que levam na cabeça nun vai parar no chão. E também su eu quelevo os umbigo, que enterro no cruzamento do caminho da Chicalala com o caminho do Kasseque, e os roupa do parto, que atiro na água do Rio Balombo. Esse seria o trabalho do quimbanda, mas vocês, com as vossas arma e a vossa sede desangue, até os quimbandeiro lhes matam.

Hossi, a casa está cercada, vamos contar até dez. Mosi, vali,

tatu, kuãla[9]...

Já viram como nada cresce à vossa volta? Até a terra vocês matam. Perguntem nas vossas mãe, perguntem já nas vossas mulher.

O odepe

Desde que me chamaram na ODP[10] para lhe seguir nas matas, nun faz uma semana e já vi mais mortos do que aqueles queestão no cemitério. Mulheres, velhos, crianças, uns lhes levaram nas balas, outros lhes levaram nas minas, porque as lavras onde vão buscar o milho são também a mesma lavra que dá de comer aos terroristas, disse o Comandante, que também disse para apontar arma na cubata onde esconde o cwatcha. Nunca vi um soldado do Galo Negro vivo. Também nunca vi um morto àminha frente, só mesmo nas fotografia do *Jornal de Angola*. E a única coisa que nos separava agora era uma porta e a parteira. O Comandante disse que pode-se esconder a comida, mas nunca as notícias. Nun entendi na primeira. Até que meexplicaram: os gémeos voltaram para o óbito. O Comandante disse que nun seríamos perdoados se o líder da Coluna Raiosdo-Sol tivesse passado pelas nossas barbas. Ainda lhe pensei nessa possibilidade, ele é que tinha barba de agarrar pente, nossas nem seguravam o rolão da kissagua[11]. Aos ouvidos do Comandante também tinham chegado as histórias das bofetadas que o comandante da ODP da Ganda tinha recebido das mãos do Kundi Paihama. À frente de toda a população. Só porque nun deu luta nos soldados da UNITA quando lá passaram. Lhe chamaram de fantoche, espião do inimigo por ter sobrevivido. Por causa disso, toda a aldeia estava sob suspeita.O homem chorou baba e ranho, pediu perdão, jurou fidelidade no guia imortal Camarada Presidente

Neto, mas nada lhe valeu. Foi desprovido mesmo ali. Agora é soldado de carregar cartucheira, como eu.

Nunca mais lhe viram na Ganda, as bocas falam que a vergonha lhe levou no suicídio; outros, para ampliar a fama de impiedoso do Kundi Paihama, disseram que toda a brigada foi fuzilada e os corpos lhes atiraram nos jacaré do rio Catumbela. Nun sei se é verdade, eu mesmo só escapei porque me recrutaram nesse esquadrão.

O Comandante disse que oportunidades como essa nun aparecem sempre. Missões como essa que nos preparávamos para executar só fizeram mesmo já os Nhaneca-Humbe e os Kwanhamas que seguiram o kota Kundi até Benguela. Ele lhes batizou Onças das Montanhas. Eles, mais fiéis que cabiri[12] de pastor, só lhe respondem já a ele. Nunca lhes vi mas ouvi quando vão na frente de combate, nun vestem farda. Cobrem o corpo com as peles de gazelas e samacacas[13]. Todo o homem deles que tomba lhe levam com ele. Todos nós queríamos também combater ao lado de camaradas que nun nos deixam morrer sozinhos, que nun nos deixam virar comida das hienas.

Nunca fomos com eles em missão, mas lhes conhecemos as canções de combate, o marcar batendo o pé no chão entoando Kundi, omulume wetu, omukulu, ohamba wetu[14]. Cantar dá coragem. Eu também gostaria de cantar na estrada, a caminho da casa do inimigo da revolução, mas ninguém além do Comandante fez recruta. Ninguém outro aprendeu. As poucas que sabemos ouvimos no *Angola Combatente*, mas quando fiz a chamada, «Eu vou morrer em Angola... Com arma...», o Comandante me puxou para o lado, cara trancada, e me deu um cala-boca, soldado. Meu camarada do lado ainda disse as palavras, mastigando baixinho. A surpresa aumenta as nossas chances de capturar o cwatcha vivo.

O Comandante conhecia a casa dos gémeos. Foram colegas de carteira na escola da missão. Mais uma razão para nun lhe

deixarmos passar, porque se chegar nos Onças das Montanhas, lhe souberem que deixámos o cwatcha escapar nas barbas do Comandante, vamos todos virar comida de jacaré. E o gémeo FPLA? Vai ficar só a ver levarem o irmão dele sem dizer nada? O meu camarada do lado encolheu os ombros. O Comandante disse que ele havia feito juramento da bandeira, os irmãos dele agora éramos nós e pai dele, o guia imortal da revolução angolana, fundador da Nação, o nosso saudoso Camarada Presidente Neto.

O Comandante fez sinal para nos espalharmos. Rodeámos a casa do óbito. As pessoas nos olhavam só. Se nun tivéssemos as nossas AK-47 apontadas na cubata, diriam que tínhamos vindo despedir no falecido. Todos, soldados e povo, pareciam que se conheciam. Só quando o Comandante gritou Hossi, a casa tá cercada, é que as pessoas ficaram em sentido. Sai com os braços no ar. Não queremos sangue derramado.

O Comandante engrossou a voz. Pediu para um dos nossos camaradas começar a contar até dez.

Mosi, vali, tatu, kuãla, talo, epandu, epandu vali, ecelãla[15]

...

E antes de saltar para o nove, a velha pôs o indicador em riste entre os olhos do Comandante, que engoliu em seco e nos pediu para bater em retirada; mas, no caminho, apontou o dedo na minha pessoa e mais dois camaradas para ficarmos de guarda, nun vai o cwatcha aparecer para chorar pai dele. Montámos vigia, olhos postos no caminho que vinha do Gando e no que vinha de Djumba, mas essa concentração durou só até o cheiro do calulu atravessar nossas narinas e nos convidar a esquecer essa tal guerra contra os lacaios imperialistas. Meus camaradas me escolheram para ir pedir de comer, combinámos que para nun assustar as pessoas de novo deixaria a minha arma. Lhe pousei minha AKS ao lado de uma pedra, mas só que escorregou e o susto foi mais grande ainda. Desde que o

Comandante nos pediu para apontar arma na cubata, lhe esqueci a bala que deitei na câmara, e ela ia agora em direção da casa do óbito.

A mãe

Onde esconderam o cwatcha? A voz cortou o choro das carpideira no quintal, atravessou a janela, instalou-se no quarto como um aviso da própria morte e deixou em sentido os meus menino. Sabemos que estão aí dentro, disse a mesma voz, seguida do *clack clack*, o som que estaca o tempo e faz minguar o quarto, as parede encolheram-se e o teto baixou quase até no chão, forçando os meus Vandjamba a gatinharem com urgência e se jogarem para cima de mim como quando buscavam alimento nas minhas teta. Lhes passei mão nas bochecha. Antigamente, quando os tinha no meu peito, começava nos carinhos pelo primogénito Jamba, mas é o Hossi, que nun lhe vejo desde que lhe levaram no Galo Negro e que agora lhe procuram nos camarada, que os recebe primeiro. Quando cheguei no Jamba, lhe limpei as lágrima. Nós três ali no escuro, num abraço que parecia mais a despedida que nunca nos demo. Quando levaram o meu Hossi, eu e o pai deles pensamo que lhe perdemo para sempre mas nun lhe fizemo funeral. Como fazer óbito sem corpo, me perguntou o pai dos menino, olhando para o filho que nos restou. Jamba lhe mandamo em Luanda: pensamo que na capital ficaria seguro, mas o MPLA tinha outras ideia, primeiro lhe levaram no Moscovo, que fica longe, no avião mas onde nun tem guerra, só que depois chegou carta que o padre veio ler no vosso pai. Jamba está de volta nas mata para defender a pátria. Vosso pai só abanou a cabeça. Mas pátria essa é qual onde os inimigos somos mesmo nós que lhes parimo?

Vosso pai nun morreu faz dois dia, o sorriso que me deixou com ele antes de pegar na enxada e sair para a lavra ainda está aqui nessas parede. Essa é a imagem que fiquei dele, a outra imagem que peguei quando lhe chamei para o pirão com kizaka[16] do meio-dia e lhe encontrei deitado, agarrado à enxada e com o rosto colado ao chão como se tivesse cuspid o coração para dentro da terra, esta imagem lhe deixei lá mesmo na lavra. Nun sei como a notícia vos encontrou para vos trazerde volta. Vosso papá ficaria feliz de vos ver. Lá fora já ninguém chora o meu falecido. Dizes que vieram te buscar, meu Hossi. Quem mais, mo' filho? Já te perdi uma vez, nun sai mais de perto de mim. Jamba, segura teu irmão. Hossi, nun precisa se zangar com teu mano, tua mãe é que tá pedir. Ficam aqui no esteira comigo. Como quando vocês chegaram nesse mundo.

Depois de vários ano a enterrar filhos dele, quando vocês chegaram vosso pai matou boi. A notícia varreu todo o Bocoio, chegou até no Cassongue e no Cubal. Parente distante vieram vos abençoar e nos saudar. A partir daquele dia, vosso pai nome dele esqueceram, f icou só já Sondjamba, e eu Nondjamba, pais de gémeos. Eu ainda disse no vosso pai que tinha galinha e fuba acabada de pilar suficiente para alimentar as visita, mas no vosso pai a alegria era de criança, só gritava «Volonjamba yetu»[17], anunciando a sorte por lhes terem nascido gémeo homem. Matou o boi que lhe ajudava na lavra. Durante cinco dia, maruvu[18] e kissangua molharam as garganta, e os assado e os guisado alimentaram todas as barriga, as de família e as desconhecida, que entraram naquele quintal. Pessoa que agora voltaram para lhe chorar, incluindo os dois menino dele.

Jamba acaricia o metal frio da arma dele e pergunta no Hossi porque que nun está armado, que lhe respondeu que a cubata se encontra cercada e se irrita com o irmão quando ouviu dele.

Um soldado não larga a sua arma em circunstância nenhuma. Os americanos e sul-africanos não vos ensinaram isso? Hossi lhe ignorou, me disse que é ele a pessoa que eles querem; se demorar dentro desse quarto, o perigo de outras pessoas se magoarem é grande. Nun vai sair daqui. Jamba, diz no teu irmão, se lhe levarem vão lhe matar. Eles são teus camarada, lhes fala. Jamba pousou a arma e o irmão dele não esperou. Se saíres por aquela porta te matam também. Meu Jamba, ficaste mudo. Hossi tá pedir para me dizer como vão te fazer lá no vosso comité. Um tenente das FAPLA que esconde irmão cwatcha é fantoche traidor, e castigo que lhe dão nos fantoches traidores é a morte. A tradição diz que viúva tem que ficar uns semana de resguardo, mas eu já nun sou mulher de ninguém. Sou vossa mãe. Corpo do vosso pai está deitado aqui nessa urna; ele nunca me perdoaria se no mesmo dia que vamos lhe pôr debaixo da terra os filhos dele também vão lhe seguir. Tão a lhes ouvir, olha. Começaram a contar.

Mosi, vali...

Me deixem sair.

Os gémeos

Os olhos, as maçãs do rosto e de adão no pescoço magro, o maxilar agora coberto pela barba que nos cresce desgrenhada, continuam a fazer-nos espelho um do outro. Como quando nossos pais tinham dificuldade em distinguir quem era qual. O andar, as gargalhadas e o choro são os mesmos. Só as nossas vozes diferem, embora consigamos replicar o tom um do outro sem muito esforço. Os dedos que agora deslizam no metal frio da arma também são semelhantes aos que se encontram entrelaçados com os dois indicadores esticados num prélio impaciente que denuncia a falta que sentem da AK47. Até na

escolha das armas, ambas de origem soviética, as semelhanças se mantêm. A que agora recebe as carícias desembarcou no porto de Luanda via Moscovo; a que se encontra escondida debaixo de uma pedra na margem do Rio Balombo chegou a África de avião via Budapeste e foi descarregada na pista do Omungwelumbe. Quando aqueles dedos entrelaçados pegaram nela pela primeira vez, o Major perguntou ao batalhão se já haviam namorado com uma checa. Não esperou pela resposta, riu-se perguntando o que faria uma checa no Bailundo. O Major fazia as perguntas mas nunca esperava pelas respostas: revelou então que a arma que tínhamos nas mãos era uma *Avtomat Kalashnikova Modernizirovanniy*. Daquele dia em diante seria a nossa nova namorada; que nunca a abandonássemos, pois se lhe formos fiéis, ela sempre nos protegerá.

Aqui nessa cubata, onde repousamos os corpos depois de um dia de brincadeiras infinitas, abraçados à mamã, não diríamos que o país está em guerra e que não nos víamos há quinze anos. Mesmo distantes, sentíamos que estávamos vivos. O medo nos dizia que sim. Quando, do lado do M, os canhões ZPU apontavam para as posições ocupadas pelos soldados da UNITA, a ideia de aqueles morteiros poderem matar uma parte de nós estava sempre presente. O mesmo com as minas terrestres ou com as emboscadas às colunas militares com que os homens do Galo aterrorizavam o interior do país. Nenhum dos dois gostaria de ser o filho sobrevivente que teria que justificar a morte do irmão aos nossos pais, na eterna espera a que são relegados os pais que perdem filhos em combate. Desde que estivéssemos vivos, a ausência seria tolerável; e se, Deus nos livre, tal acontecesse, se um dos dois não saísse desta guerra com vida, mesmo sem saber do desejo um do outro, juramos que jamais regressaríamos ao Bocoio.

Não queremos sangue derramado, gritou o Comandante lá de fora. Mosi, vali, tatu, kuãla... A contagem é um alívio. Já

teriam invadido a cubata se estivessem convencidos de que estamos aqui dentro. A parteira continua a negar a nossa presença. Embora não tenha chegado a negar que havíamos passado, a tentativa de não permitir o contrainterrogatório do Comandante parecia estar a resultar. Até hoje, desde que o nosso soba foi levado por uma mina, os poucos mais-velhos que restam na aldeia não se decidem sobre quem o irá substituir, acomodaram-se, e a parteira é chamada para a resolução de todo o tipo de problemas, diagnósticos e tratamento de doenças, disputas de heranças e, claro, óbitos. Aqui em Chicalala ninguém chega ou parte deste mundo sem passar pelas mãos dela. Essa é a ordem das coisas, e ninguém ousa desafiá-la. As carpideiras voltaram ao posto. Retomaram o choro no mesmo tempo e com o mesmo tom que usavam antes de terem sido interrompidas pelos soldados. Aquela ladainha de dor deve ter comovido os camaradas, os seus passos foram-se tornando cada vez mais distantes, até que o som de um único disparo voltou a silenciar o quintal, atravessou o quarto de ponta a ponta, furando as paredes de adobe e perdendo-se no canavial.

A parteira entrou na cubata anunciando, os soldados podem ter saído do quintal mas nun se foram embora. A mamã levantou o olhar, pediu-nos para tirar o corpo do nosso pai. Vamos lhe fazer descansar aqui mesmo, disse. A parteira passou-nos a pá e a enxada do nosso pai. Quando, lá fora, as carpideiras recuperadas do susto voltaram ao serviço de continuar a chorar o falecido, dentro do quarto cavámos uma sepultura onde depositámos o corpo do pai. Ele gosta de ouvir rádio quando está no quarto, disse a mãe ao pôr o velho rádio a pilhas junto ao ouvido dele. O mesmo rádio que nos trouxe notícias da invasão dos bóeres sul-africanos, os cubanos onde ouvimos pela primeira vez os nomes Savimbi e Neto, e que nos apresentou palavras na língua que só os padres falavam, vozes

da metrópole ronronando por trás da fritura sonora da frequência modelada. Um de nós, na sua memória de elefante, lembrou-se dos versos e da melodia *Mãe, tu estás tão longe de mim / Mãe, sinto que estás a chorar / Não chores a minha ausência / Eu hei de voltar*, ao ver a mãe diante da sepultura do seu homem. Cobrimo-lo de terra e voltámos para a urna vazia, que daí a um par de horas seria ocupada pelos nossos corpos, levada para debaixo da messassa onde descansam os nossos parentes já falecidos e de onde sairíamos para espanto das pessoas do óbito.

Quando nos despedirmos, veremos o sangue que nos mancha as roupas. Iremos procurar os ferimentos, mas ao nos apercebermos de que o sangue não pertence a nenhum dos dois, faremos a reconstrução da trajetória da bala que atravessara o quarto de ponta a ponta, e discutiremos, cada um assumindo à vez o desejo de regressar para confirmar o estado de saúde da mãe, e sempre que o fizermos, um de nós impedirá o outro, até estarmos demasiado longe para regressar sem arriscarmos as nossas vidas. Nos anos que se seguirem, sempre que nascerem gémeos alguém se lembrará do dia em que, quando se cobriu de terra o caixão do nosso Sondjamba, este se abriu e do seu interior, no lugar do corpo, saltaram dois vultos que saíram disparados em direção ao canavial; e todos recordarão que no chão por onde passaram se descobririam pegadas de um leão e de um elefante.

Hugo Gonçalves



Verão quente



Nandinho tem nove anos
e pulmões irrepreensíveis,
nem asma, nem alergias,
mas logo na maternidade
Suzete mantinha-se acordada,
com medo de que o bebê
sufocasse, organizando a sua
compulsão em três passos:
a mão no peito do filho,
a orelha no nariz e um
dedo na jugular.



Na poltrona da sala, Suzete não saberia explicar o que mais uma vez lhe acontece ao ouvir a campainha do apartamento. Lá fora, o filho, a nora e o neto esperam que ela lhes abra a porta, desconhecedores da fenda que se abre no tempo e no espaço. Sempre que é transportada para outro lugar e outra década, a velha matriarca deixa-se ir, sem resistência ou interesse em desvendar o mistério. Afinal, a poeira cósmica também não precisa de aprender os princípios da aerodinâmica espacial para cruzar as galáxias.

Seja qual for a causa, Suzete ouve agora a campainha na casa perto do mar, onde nasceu e aonde regressou durante as férias escolares do filho, neste agosto incendiário de 1975. O rapaz dorme a seu lado, num divã do quarto onde ela cresceu. E Justina, a mãe de Suzete, que se vangloria de tudo saber e condenar naquele prédio, tem a consciência obliterada pelos calmantes, o corpo enalhado nas profundezas da cama de viúva.

Outros acordariam com o sobressalto da campainha a meio da noite. Suzete está desperta, aproveitando uma folga das obrigações maternas. Costuma ficar à janela, como se a rua fosse uma transmissão televisiva. É testemunha da romaria para os bares, das luzinhas dos aviões que se confundem com o firmamento e desaparecem na escuridão. Às sextas e sábados, consegue ouvir a música do arraial na praia e dança sozinha, descalça, num metro quadrado de chão. No resto das noites, o ronronar das marés do Atlântico convoca-a para mergulhos. Bem que podia sair, lançar-se de frente às ondas e estar de volta a casa sem que ninguém descobrisse. Não consegue,

porque a cada dez minutos recua da janela e verifica se o filho respira na cama. Nandinho tem nove anos e pulmões irrepreensíveis, nem asma, nem alergias, mas logo na maternidade Suzete mantinha-se acordada, com medo de que o bebê sufocasse, organizando a sua compulsão em três passos: a mão no peito do filho, a orelha no nariz e um dedo na jugular. Nem assim descansava. Temendo que o bebê tivesse frio ou fome, ou que não se sentisse amado, acordava-o e punha-o à mama, junto do seu coração, longe de todo o mal.

Passa das duas da manhã quando a campainha toca e Suzete abre a porta.

«Boa noite. É o telefone. Para ti», diz-lhe Geninha, mais elegante e sorridente do que Suzete no seu próprio casamento. Moradora no rés do chão, Geninha é conhecida como «a divorciada», uma vez que se aproveitou das recentes leis e pôs um fim àquilo que a Igreja unira e que só o Papa podia desfazer antes da revolução. Vive com uma coleção de livros e vários pares de botas até ao joelho. Abriu uma loja de discos, onde vende as novidades que um primo emigrado lhe envia de Londres. Não tem dono nem filhos. Passa noites acordada com os amigos, que discutem a ameaça da contrarrevolução e que tocam, nas violas, promessas de sexo com contraceptivos e de uma sociedade sem classes. No talho, na farmácia ou na igreja, a reputação de Geninha é um festim debicado pelas domésticas mal amadas e pior fodidas. Suzete, porém, conhece-lhe a amabilidade de quando se cruzam e trocam cortesias acerca de toaletes e bronzeados. Admira como a vizinha converte o arrojo dos biquínis em classe de revista francesa e, tendo a eloquência de quem conhece muitas palavras, nunca ostenta a sua superioridade intelectual, tornando tudo mais claro e cativante, sobretudo se fala da música de Ziggy Stardust, cuja fotografia Suzete viu na capa de um álbum sem perceber se era um homem ou uma mulher.

Agora, Suzete segue o tamborilar dos saltos de Geninha escada abaixo — a única com telefone no prédio — e entra num apartamento flamejante de velas e de música. A vizinha ausenta-se da sala e sorri um «fica à vontade.» O ouro da aliança de casamento de Suzete embate no plástico do telefone. «És tu?», sussurra ela para os furinhos do bocal, que cheiram a mentol de elixir dentário.

«Quem é que havia de ser?», responde, na linha, a voz do marido, entrecortada, roufenha, de longa distância. «Diz ao garoto que não consigo ir aí este fim de semana.»

Desta vez, ela não lastima sequer a desilusão de Nandinho ao saber que o pai continuará pelo Norte, em vez de o ensinar como se mata um polvo com uma pistola de caça submarina. O clique do telefone, ao cair no descanso, conjura em Suzete o mesmo alívio de um comboio a sair da estação antes da chegada das tropas invasoras.

Na ombreira da porta da sala, aparece Jorge, o irmão de Geninha, um jovem barbaças cujo cachimbo em nada desmerece o torso de Mister Revolucionário. Hospedou-se ali há um par de semanas, regressado de uma odisseia a ocupar latifúndios e a alfabetizar camponeses, ao serviço do Partido Comunista e com a colaboração das Forças Armadas. Os seus olhos asseguram a Suzete uma noite de boa cama e o fim da opressão burguesa. A boca diz: «Estás com cara de quem precisa de uma bebida. Queres um copo de vinho?»

Qual a última vez que Suzete aceitou a corte de um homem ou permitiu que o álcool lhe desarticulasse a culpa? Deixou de beber para engravidar, nunca durante a gestação ou nos treze meses em que amamentou. O copo de vinho branco oferecido por Jorge tem um apelo inédito. Ela imagina que as gotículas glaciares, a escorrer no vidro, são planetas invulneráveis ao calor do quarto onde dorme com o filho, lugares exóticos onde passaria férias sem fazer sopa ou lavar cuecas num tanque de

cimento.

Talvez seja o langor da ventoinha no teto ou o crepitar da agulha sobre o disco de vinil, no breve silêncio entre duas canções; talvez sejam os olhos verdes de Jorge, que cingem a sua silhueta como quem lhe abre o fecho nas costas de um vestido — a verdade é que, pela primeira vez em demasiado tempo, Suzete não é mãe nem mulher do seu marido, mas alguém que diz: «Sim, quero.

2

«Sim, quero», e as falanges de artrose agarram o refrigerante do neto. Na viagem do copo a transbordar, entre a mesa e a boca, a sala da Geninha dá lugar ao apartamento onde Suzete almoça com a família.

«Não faz mal, avó», diz-lhe o neto, drenando com um guardanapo a gasosa que ela entornou na toalha. Suzete, ainda confusa pela deslocação no tempo e no espaço, estica os dedos para a cara do adolescente, julgando tratar-se do seu filho pequeno. «Fizeste xixi na cama outra vez, Nandinho?»

À cabeceira da mesa, a desmanchar um frango assado, o senhor engenheiro Fernando, cinquenta anos, vê a sua firmeza de adulto suplantada pelo despeito do menino que era em 1975. Quase protesta que a culpa foi dela, que se lembra de acordar de um pesadelo, na casa da avó, e, no lado seco do colchão, em vez da mãe havia apenas abandono. Nandinho bem que ouvira o pai avisar que os comunistas separavam famílias a meio da noite, que levavam crianças e davam injeções atrás das orelhas dos velhinhos. O pai falava dos «parasitas depravados», dos «calhordas guedelhudos», dos «moscovitas da liamba», palavras que Nandinho não conhecia, mas que deram origem às criaturas mitológicas dos seus sonhos

maus. O fim do mundo estava tão próximo que, num filme passado em Paris — e isto o pai de Nandinho dizia com um misto de revolta e desilusão —, «Até o Marlon Brando deixou que lhe metessem dois dedos pela rabo acima.»

O engenheiro Fernando concentra-se na tesoura com que trincha o frango assado. Não quer rebaixar a mãe por causa de uma noite traumática há quase meio século. Mas o desejo de retaliação não chega a desvanecer, apenas encontra outro sujeito, porque o seu filho empurra o prato e revira os olhos: «Não vou comer essa porcária, sabem o que sofreu esse frango no aviário?» Nandinho Júnior, além de vegetariano recente, é vítima do egocentrismo de certos pais que, sem dinheiro para comprar carros desportivos ou a coragem de arranjar uma amante, cunham um filho com o próprio nome.

O engenheiro Fernando aponta a tesoura gordurosa e, para espanto de todos, incluindo o seu, diz ao filho: «Tu lá tens querer, ainda com os cueiros agarrados ao cu, nem penses que saís da mesa enquanto não comeres tudo o que está no prato.» Nessas palavras, Suzete reconhece a melodia da vulgaridade do seu defunto marido. Não se pode dizer, no entanto, que o engenheiro as tenha proferido como homenagem ao progenitor. Brotam como uma maldição — tantas vezes ele jurou não despejar no filho o que recebera do pai — e atiram Suzete para o calor enraivecido de 1975, onde serve o marido e a sua trupe de rufias numa pequena cozinha.

Os homens apareceram sem aviso e apropriaram-se da casa da mãe de Suzete. Dormem no chão da sala e na varanda, falam com a boca a borbulhar de carne frita. Limpam os bigodes com as costas das mãos, chamejantes de gordura e anéis no mindinho. Fumam, arrotam e gargalham com o destemor de quem corre comunistas à paulada. Desceram do Norte para umas férias nas praias do Sul, dizem, mas Suzete ouviu as notícias na rádio e sabe que estão em fuga. Há dias

explodiu uma bomba num sindicato, a polícia procura os culpados, e ali estão eles, o marido e os seus comparsas, comendo o que ela cozinha, sujando o que ela esfrega. Uns têm braços peludos e tatuagens — *Angola, Amor de Mãe, 1967* —, falam de picadas e de turras e do Álvaro Barreirinhas Cunhal. Outros são apenas galifões que sempre gostaram de pancadaria e a quem a contrarrevolução ofereceu a máscara de um propósito mais elevado do que roubar carros ou contrabandear tabaco. Uns e outros têm as mãos bombistas abençoadas por um cônego de Braga que lhes disse: «É preciso fazer a guerra para alcançar a paz.» Apresentam-se como guerreiros do Exército de Libertação de Portugal, em combate à sovietação do país, sob patrocínio dos senhores do capitalismo exilados em Madrid.

Nandinho entra na cozinha onde Suzete se comporta como uma refém do marido. O filho anda belicoso desde que mijou no divã e acordou aos gritos. Nessa noite, ela não tinha dado mais de três goles no vinho branco, na casa de Geninha, e Jorge tentava citar Sartre em francês, de tal maneira pomposo, na sua investida sedutora, que até a irmã revirou os olhos e fez uma careta. Suzete ia a meio de um sorriso quando ouviu o choro do filho e disparou escada acima. Foi dar com Nandinho num pranto que a avó Justina não conseguia amainar. Fosse pela vergonha de fazer xixi na cama ou pelo susto de acordar sozinho, julgando-se sem mãe, nos dias seguintes Nandinho criou uma fantasia de abandono. Na sua imaginação distorcida, a mãe esteve ausente a noite inteira, no rés do chão dos comunistas. Por mais que Suzete lhe explicasse que foi atender o telefonema do pai e que não tardou um quarto de hora sequer, o rapaz não abdicou do rancor do beicinho e, manipulando o sentimento de culpa da mãe, foi-lhe extorquindo mimos e gelados e calquitos na papelaria.

Sem saber, a avó Justina atiçou ainda mais a paranoia do

rapaz, lendo em voz alta os panfletos da paróquia que o padre transcreveu do *Diário do Minho*: «O comunismo favorece os costumes licenciosos e mina a essência da família.» A avó de Nandinho fez uma pausa na leitura, olhou para Suzete, por cima do óculos, as sobrancelhas executaram o arco da reprovação. «Não me admirava nada, essa Geninha é uma relaxada, até dizem que se deita com mulheres. E o irmão, um mal-educado, desde que aqui apareceu, estacionou o calhambeque em cima do passeio e nunca mais o tirou. Vejo-me aflita para passar com os sacos das compras. Isto agora é tudo deles. Qualquer dia até eu sou nacionalizada.»

Na cozinha, Nandinho gravita para o vozeirão do pai, contador de piadas que o garoto não percebe, mas que desmancham de riso os homens. Suzete olha para a fragilidade do filho diante daqueles latagões que armadilham bombas nas sedes do Partido Comunista. O seu pequenino — com dentes de leite, pijama de ursinhos, cabelo à tigela — esfrega os olhos com os punhos fechados. Suzete descortina uma birra de sono e antecipa-se, pegando-lhe ao colo: «Vá, cama, que já passa da tua hora.»

Nandinho esperneia, guincha, solta-se e acusa:

«Comunista.»

Ao redor da mesa, os homens esquecem os copos de bagaço e, com orgulho e curiosidade, contemplam o espetáculo intemporal do menino que se arranca à força do colo da sua mãe.

Os membros do Exército de Libertação de Portugal abandonam a casa na calada dessa mesma noite, mas o pai de Nandinho deixa-lhe um postal de despedida: a explosão acorda o bairro

inteiro e o rapaz, em bicos de pés na varanda, fixa-se nas labaredas da vingança. O estouro do depósito de combustível cospe as janelas do carro e milhares de vidrinhos cintilam nas trevas que ameaçam o país.

Jorge sai do prédio em cuecas, com as mãos na cabeça, depois na barba, por fim nas ancas, num movimento descendente — da incredulidade para a impotência. Mas logo chegará a glória revolucionária porque, embora os bombeiros o informem de que o automóvel foi regado a gasolina, sem recurso a engenhos explosivos, até morrer Jorge contará como sobreviveu a uma bomba da extrema direita.

Horas antes, quando Nandinho acusou a mãe de «Comunista», Justina apressou-se a salvar a filha de um interrogatório do marido: «Ui, agora para o gaiato são todos comunistas, mas a culpa é minha, que não falo de outra coisa e os tenho pelos cabelos desde que o irmão da Geninha se mudou para aqui e largou o carro em cima do passeio. Isto agora é tudo deles, ocupam as terras, os prédios, as fábricas, qualquer dia abrem uma cooperativa aqui em casa.»

Justina educou Suzete com a severidade exigida às raparigas que chegam virgens ao casamento e sabem cuidar de uma casa. Essa missão seguiu sempre o grande credo maternal, «Olha que é para o teu bem», porque, tal como o Rei Sol, uma mãe tinha sobre as filhas direitos inalienáveis, concedidos por deus. Justina sabe que Suzete se casou para fugir de casa dos pais, seguindo o tradicional equívoco do matrimónio como liberdade. Por essa deserção, Suzete cumpre ainda a pena de estar casada com um brutamontes, que Justina reprova, em partes iguais, pela azia existencial e pelos salpicos de mijo que ele deixa no aro da retrete. Por tudo isso, tem rezado a Nossa Senhora para que as livre do genro num acidente de carro ou de cirrose figadal ou que uma das suas bombas lhe rebente junto ao peito.

No dia seguinte ao fogo posto, Justina leva Nandinho a uma matiné no circo e deixa a filha ter algum descanso. Debruçada no peitoril da varanda, observando o esqueleto calcinado do carro em cima do passeio, Suzete compreende que, embora jamais conste dos manuais de História, o seu amor pelo filho transcenderá as ditaduras, as revoluções, os golpes de direita, os contragolpes de esquerda, a guerra civil que se anuncia entre a seita do marido e o culto do irmão de Geninha. Nunca nada será tão premente como abraçar o filho, cheirar-lhe o cabelo, inquirir se está vivo quando dorme — a mão no peito, a orelha no nariz, um dedo na jugular. Muitas vezes, ela ouviu dizer que «parir é dor e criar é amor». Hoje, reconhece que dor e amor permanecem indissociáveis muito além do parto, que a culpa de falhar a um filho nunca se esgota, nem o terror de que ele passe fome, desapareça numa multidão, fique sem um dedo numa porta, preso num elevador ou órfão de mãe. Suzete aceita a sua sina, essa programação ancestral que não controla e que a obriga a proteger o filho mesmo quando ele se presta a denunciá-la como comunista. Ao dar-lhe vida, Suzete concordou em dar a vida por ele.

É exatamente por causa dessa inevitabilidade — será mãe até morrer — que Suzete se permite alargar o território da folga concedida esta tarde (esta tarde apenas) e se penteia, maquilha, põe um vestido, uns sapatos de meio salto e desce ao rés do chão. O sexo é mais revolucionário do que a revolução, mais alucinante e animal do que alguma vez foi ou voltará a ser. Tremem-lhe as pernas, tem a boca túmida quando entra no duche, antes de regressar a casa da mãe. Fecha os olhos, encharca o cabelo, a água escorre-lhe pelos mamilos quase esfolados por outras mãos e outra boca.

Ao abrir os olhos, falta-lhe a mama que perdeu para o cancro aos quarenta e cinco anos. Está sentada na cadeira especial que o filho engenheiro lhe instalou no polibã, após ter partido o

fémur, aos setenta e dois. A nora lava-a com o jato morno do chuveiro. A sua saia e a roupa interior estão sobre a tijoleira, porque Suzete esqueceu-se da fralda para a incontinência antes do almoço de família.

«Como foi o circo com a avó, Nandinho?», pergunta ela.

O filho está na ombreira da porta da casa de banho, de costas, não quer ver a mãe desamparadamente nua. O rapaz cresceu tanto que, na revolta, se parece muito com o pai: «Qual circo, porra?»

«Fernando, ela está confusa», responde-lhe a mulher. «O médico avisou-nos que isto ia piorar.»

Suzete gostaria de dizer que a impiedade do ciclo da existência — antes limpava o teu mijo, agora é a vez de limparem o meu — não a derrotou por inteiro, que aquele corpo final e enrodilhado, que Nandinho evita olhar por pudor e medo da morte, ainda se lembra de ser desejado e fértil. Mas é incomum que os filhos queiram saber o que foram as mães além de suas mães, como aquela vez (uma só) em que ela ficou nua num rés do chão, certa tarde de calor carnal, no verão de 1975.

Por isso, Suzete não diz nada, e fecha os olhos debaixo do chuveiro, esperando apenas que a larguem novamente no tempo e no espaço, de volta para as mãos apaixonadas de Geninha.

Jacinto Lucas Pires



O nome da mãe



Duas mulheres aninhadas
olham-na com sorrisos
esquisitos. Têm longas luvas
de sangue, e dizem-lhe que já
nasceu, que está tudo bem.
Uma põe-lhe a mão vermelha
na cara; dá-lhe duas palmadas
como se faz aos desmaiados.
A outra passa-lhe um embrulho
de mantas para os braços. Kala não sabe
como deve agarrar
aquilo. O embrulho berra.



Vê árvores, vê árvores no retângulo, vê árvores no retângulo pregado à parede. É uma aguarela. Vê árvores, mas não sabe se estão mesmo lá ou se é ela que as inventa com os olhos, se vê com demasiada força, se as imagina nas manchas verdes, roxas, rosas, castanhas, aguadas. Vê-se entre as árvores, à chuva, e sente frio. Sentada na cama, a mulher olha para a pintura como se olhasse por uma janela. Com certa curiosidade, certa calma. E, de repente, as palavras. Aconteceu-me isto que agora me acontece.

— Sente-se melhor? — pergunta-lhe um homem branco de cara longa, olhos claros, bata.

A mulher percebe perfeitamente o que ele diz. Tenta dizer-lhe isso, mas o homem continua.

— Sente-se bem? Fala inglês?

Inclina-se para o corpo dela na cama, e ela lembra-se. Que coisa terrível. O que aconteceu, aconteceu-lhe no corpo. Tiraram-lhe o corpo de dentro.

— O meu filho! — grita. — Onde está o meu filho?

E depois larga as palavras. Põe-se a gritar contra os céus, contra o teto; gritos muito agudos como lanças atiradas contra o teto do quarto na tentativa de o furar, de o destruir, a ver se chegam aos céus. Uma mulher sem nome, a mexer-se numa cama hospitalar, num descontrolo parecido com dança. Um grito feito com o corpo inteiro. O homem põe uns óculos no nariz, como que para se defender. A mulher morena, perfeitamente fora de si, selvagem e pura. O homem diz-lhe para ter calma. Tanto amor em bruto pode fazer mal à saúde. Mas os gritos continuam, aumentam, e ele sai do quarto.

Volta a entrar, passado pouco tempo, com duas mulheres brancas, de caras longas, olhos claros, batas. Elas agarram o

corpo da mulher morena, e ele coloca-lhe uma máscara na boca e no nariz enquanto vai repetindo uma lengalenga suave. É uma máscara de ar ligada a uma espécie de computador.

A mulher sossega de imediato. O ar que vem do computador para a máscara sabe a aguarela. Ela percebe muito bem o que eles querem fazer com aquilo, e agarra-se à ideia de um bebé-menino saído, tirado, arrancado vivo do seu corpo, para que o sono-aguarela não a faça esquecer.

Estão na floresta mais antiga da Europa e nas notícias do mundo dessa semana, e essa confusão muda o lugar, torna-o suspeito, com alguma coisa de escorregadio, de falso, como se a qualquer momento pudessem chocar contra um céu-de-cenário. Enquanto caminha, seguindo o grupo, a mulher pensa que deve estar a ficar maluca. Pensa que ainda vão descobrir etiquetas «made in China» nas folhas caídas, instruções em sueco atrás dos troncos das árvores. Nunca viu árvores tão largas, tão altas e direitas. Veio de um país antiquíssimo, da grande planície entre rios onde começou a civilização, e aquela floresta parece-lhe impossível. Tem vinte e quatro anos, chama-se Kala. Já decidiu: se alguém lhe perguntar o nome, dirá só o próprio, não o apelido. Nunca o apelido, quer começar de novo. Não vai permitir que a capturem, que a arquivem nos formulários dos nomes, nos armários labirínticos. Sou só esta, aqui, não me apanham mas é nunca.

Os outros são novos e velhos, fortes e aleijados, homens e mulheres e crianças, a vida toda. E vão todos depressa. Ela tenta não perder o passo. Estão ao mesmo tempo na floresta e nas notícias mundiais, e isso muda a floresta, sim, mas o frio, porra, o frio é agudo e impensável e rói-lhe os ossos como só a realidade. São pessoas diferentes, de lugares muito distantes, com roupas incompatíveis, mas também são um grupo. O

futuro juntou-os ali. Quem são coletivamente determina-se a partir do ponto de chegada, que ainda não chegou. O ponto que os definirá está do lado de lá da rede, do outro lado da fronteira.

Quem somos está do lado de lá.

Sim, há uma rede metálica a atravessar a floresta primeva; uma rede colocada à pressa, há uma semana, menos, há uns dias, quando os primeiros deles foram apanhados. Uma rede burra, ominosa. Na floresta da Europa, Kala vê a palavra: ominosa. Uma palavra que não sabia que sabia, que nunca pensara usar. Uma palavra pesada, exata, que terá lido há muito tempo nalgum calhamaço do tio-avô e que hoje, ao ver aquela rede, lhe acertou. Mas a multidão não vai na direção da rede, dá a volta, embrenha-se na floresta que é uma noite vertical, um abismo para cima. Kala vai dizendo coisas sozinha, ao calhas, como fazia em miúda, no banco de trás do carro. Bocados de histórias, cantilenas, anedotas. Enquanto caminha (mãos na barriga, garganta seca), surgem-lhe farrapos de frases, e ela embrulha-os uns nos outros como que para formar uma bola ou uma cabeça, e reza com eles.

Vê-se virada para si, de pernas abertas. Vou nascer assim? No chão frio, no ar frio, as coisas e os pensamentos surgem-lhe com uma nitidez anterior às palavras. Mas aquilo é demais. A floresta está tão gelada que o frio ali é menos uma sensação, uma temperatura, do que um estado mental. Um território: um frio com dez mil anos. Esta história acontece-lhe no Frio. Era uma vez Kala no Frio.

Eles avançam sabe-se lá para onde, ela não faz perguntas, que não há tempo. A verdade é que não interessa, querem todos o mesmo, um futuro do outro lado. Avançam, dezenas, centenas de pessoas, e não sabem quase nada umas das outras

mas seguem no mesmo ritmo, na mesma passada, respirando em uníssono, um corpo coletivo. Kala carrega a barriga como uma mulher da aldeia carregaria uma braçada de azeitonas ou limões. Sorri. Pensar em limões naquela floresta noturna dá-lhe um certo ânimo; carrega-a de esperança. Mas, de repente, sente uma mudança nas pessoas ao seu lado. Uma coisa mínima, não saberia dizer precisamente o quê, uma ligeira alteração no tipo de movimento, na certeza do andar geral. Um estremecimento que atravessa a multidão, mas que não se detém em pessoa nenhuma, não converge em nenhum sinal. Uma hesitação, rostos que se viram com olhos vagos.

E ouve-se um estrondo enorme, e as pessoas lançam-se a correr para todo o lado. Para longe do epicentro daquele som, em qualquer direção. E ela foge também, e sente a barriga cada vez mais pesada e apertada, e só queria que aquilo passasse. Durante a corrida (estará dentro de um sonho?), vê uma criança, aninhada, a fazer festas na cabeça de uma mulher sem feridas mas com o olhar vazio dos moribundos. Kala grita-lhes, «Venham!», e elas nem ouvem.

O barulho repete-se duas, três vezes. Kala demora uma fração de segundo a perceber que não é o eco, são novas explosões. E corre, cada vez mais perdida, e sente-se exausta e gelada, e dói-lhe terrivelmente a barriga, e não aguenta mais, e pára. Começa a cair-lhe água pelas coxas, é como se o corpo da mulher chorasse.

Num lugar em nada diferente dos outros lugares da floresta, sobre folhas molhadas e ramos mortos, Kala senta-se, a tremer, a suar, a chorar, encostada a uma árvore. Está muito escuro, e ela grita. Dá por si a gritar, deixa-se ir. Vou morrer aqui?

Na floresta há bisontes e carvalhos largos como casas. Ali caçaram reis, czares, nobres, servos, soldados, caçadores

ilegais, foragidos. Ali se esconderam membros da Resistência Polaca e da Resistência Russa, e ali foram mortos. Milhares de judeus foram fuzilados pelos nazis naquela floresta.

Duas mulheres aninhadas olham-na com sorrisos esquisitos. Têm longas luvas de sangue, e dizem-lhe que já nasceu, que está tudo bem. Uma põe-lhe a mão vermelha na cara; dá-lhe duas palmadas como se faz aos desmaiados. A outra passa-lhe um embrulho de mantas para os braços. Kala não sabe como deve agarrar aquilo. O embrulho berra.

— É um menino — diz a mulher mais velha.

A outra pergunta: — Ficas? — E foge antes da resposta.

A mais velha olha Kala com a fixidez das pessoas nos retratos. Como se olha quem vai morrer. Diz adeus, deseja-lhe boa sorte, passa-lhe a mão pelo cabelo.

— Já sabes como lhe vais chamar?

Kala hesita um momento, pensando que agora, se calhar, ficou com sangue na cabeça, e entretanto a mulher desapareceu. Tinha um nome para dar ao filho, sim, mas de repente parece-lhe que talvez não seja o nome certo.

Dentro do embrulho, o bebé é demasiado vermelho. Grita como um animal, como um espírito selvagem. Kala cheira-lhe a cabeça, e o mundo afasta-se. Somos só nós os dois aqui, a História do mundo não nos há de tocar. Passos, gritos, disparos, longe e perto. A mulher respira fundo. A cabeça do menino cheira à velha casa ocre, a penúltima da rua, onde viviam com o tio-avô, conhecido na família como o Professor. A floresta pode rebentar toda que ela não levantará os olhos. Cheira tão bem. Kala põe o menino sem nome ao peito, e baixa a cabeça, deixando cair o cabelo que costuma ter preso e escondido debaixo do véu. «Professor...», diz, numa espécie de sorriso. Com o cabelo, protege o filho do mal do mundo.

Morreu, ressuscitou. Um dia depois de ter dado à luz, foi encontrada por duas mulheres da Resistência Bielorrussa. Fizeram-lhe perguntas numa língua que misturava várias línguas, deram-lhe conservas, fruta e água. O sol começava a cair outra vez. Depois pegaram em Kala e no recém-nascido e levaram-nos para um hospital de campanha da Cruz Vermelha.

Mas, na mesma noite (o tempo todo, uma única noite, como num pesadelo), os militares desmantelaram o hospital e retiraram-na para um prédio nos subúrbios de uma cidade industrial. Um lugar ambíguo, pintado de bege; a meio caminho entre um lar de idosos e um gabinete da administração pública. O tipo de espaço que ecoa friamente.

Era uma vez Kala no Frio.

Deitada, a mulher sopra devagarinho contra o teto branco. Imagina que o seu sopro forma um fio, uma coluna fina e invisível, que, aos poucos, há de furar o prédio feio até ao céu. Lembra-se de música, como é que se chamava aquela canção?

A mão dele na dela, na fila do aeroporto. Uma mão magra e forte, que lhe dava segurança. Vê-a esfregar os olhos negros-azeitona do homem, e pentear-lhe a franja para o lado. Vê-a, independente do dono, a brincar com um cigarro vivo.

Da primeira vez que o viu, ele estava na ombreira da porta, a fumar. Era noite, e lá dentro havia uma festa de estudantes. Gente como eles, amigos, a conversar e a rir, numa vivenda mal iluminada onde se ouvia música. O mundo era tão moderno nessa altura. Dava uma canção antiga, dos Nirvana, «I'm so happy...». Ela viu-o da varanda, primeiro. Ele estava lá em baixo. Isso terá contribuído para o encanto: era como o enquadramento de um filme, um plano picado, onde ele cumpria a personagem do proverbial durão solitário. Por outro lado, ela nunca vira ninguém fumar tão timidamente.

Punha o cigarro na boca como se tentasse esconder-se atrás dele. Como se tivesse poderes mágicos ou, pelo menos,

acreditasse nessa possibilidade. E é verdade que o fumo o escondia um pouco. Não sabe como é que começaram a falar. De repente, já estão de mão dada, num canto da sala escura, tomados por um medo inédito.

Não se atrevem a olhar nos olhos um do outro. Guardam isso para mais tarde, assim fazem aumentar o prazer, inconscientemente. Concentram todo o desejo nas mãos, enquanto fingem olhar para a festa e conversar. Frases de circunstância, olhares fugidios. As mãos entrelaçadas são os seus corpos nus na noite.

— Foi assim que nasceste — segreda Kala, a falar com a barriga.

Mas, quando lhe trazem a criança, não diz nada. Limita-se a olhá-la. O bebé não está vermelho, não grita, parece grande demais. Aquele bebé não caberia dentro dela. O homem de bata vem com um colega quase igual (um homem que não faz nada, está lá só para ser um duplo, um simulacro, como num pesadelo), e estende a criança a Kala. Mas ela não ergue os braços da cama. Não, não. Não quer dizer as palavras; sabe que, se as disser, não poderá voltar atrás. E, no entanto, não consegue aceitar aquilo, não pode. Houve um engano, há uma confusão qualquer. Aquele bebé tão redondo, de olhos indefinidos, é um estrangeiro. Parece-se com os médicos-polícias gémeos que o trazem para que ela lhe dê de mamar.

— Não é o meu filho! Trocaram-no! Onde está o meu menino?

A voz ressoa excessivamente, bate nas paredes com uma qualidade metálica. Kala não se reconhece naquela estridência, naquele eco. Como se as palavras que diz fossem feitas de aço, e batessem, batessem contra os cantos do quarto. Se aquilo é mesmo um quarto. Que lugar mais sinistro. Dá a impressão de que puseram umas paredes dentro de um frigorífico de carnes, colocaram uma cama hospitalar no meio e disseram que era um

quarto. «I'm so happy...»

De olhos no teto, Kala imagina um apocalipse que começasse com cores estranhas no céu, uma doença líquida, lenta, de verdes e castanhos, cinzentos e rosas, e depois uma explosão. A mulher sonha com a grande explosão dos céus.

No aeroporto, ele agarrou-lhe a mão quando o chamaram. O funcionário que o veio buscar era também magro, de bigode e boné. Só umas perguntas, ele voltaria logo. Faltava preencher uma coisa qualquer, alguns espaços deixados indevidamente em branco, não havia problema nenhum. É assim que eles falam: «deixados indevidamente em branco». Mas a mão dele teve um movimento instintivo, apertou a dela com força. A mão ouviu o nome do dono, e soube. A mão, meu Deus, soube de tudo primeiro.

Ela, na fila do aeroporto, e o homem, o seu amor magro, a afastar-se como se fosse puxado por uma corda. Como se estivesse de patins e alguém o puxasse: parado e a afastar-se, um homenzinho cada vez mais pequeno. Enquanto ia desaparecendo, dizia, «Vai, continua, não te preocupes», coisas dessas.

Inúteis sobre a saia, as mãos dela, mais tarde, quando já estava sentada para voar. O lugar vazio ao seu lado. Kala fixa o teto branco sem perceber se acordou ou se o sonho é mesmo assim. Talvez pudesse ter tomado uma decisão naquele instante, no avião, quando percebeu que ele já não viria: levantar-se aos berros, bater na porta, insistir que não voaria sem o seu homem. Gritar de tal forma que eles se veriam obrigados a retirá-la do aparelho. É assim que eles falam: «retirá-la do aparelho». De olhos no teto, Kala vê o alcatrão da pista do aeroporto a afastar-se, os prédios, estradas e campos do velho país cada vez mais longe, caindo a grande velocidade, e lembra-se do que sentiu nesse momento. Passo de um tempo para o outro, para sempre.

Deixou cair a travessa de porcelana de que a patroa tanto gosta e o telemóvel tocou. Os dois acontecimentos ligados, como se as mãos de Kala tivessem percebido a importância da chamada antes de ela ouvir o toque. O toque do «aparelho». O eco da musiqueta eletrónica na cozinha de superfícies lisas. O telemóvel de porcelana desfeito em mil cacos no chão. A terra a afastar-se a uma velocidade vertiginosa. Kala olha para baixo. A minha vida, oh.

Está ali, aquelas são as suas mãos trapalhonas, aquele é o seu pensamento nervoso. É aquele o seu corpo parado, direito, na cozinha europeia. Um corpo demasiado quieto, de braços para baixo, como um mastro, uma estátua.

Lá fora, o seu menino está gigante. Veio das aulas a cantarolar uma canção alemã de tal modo incompreensível que é quase misteriosa. Kala olha em frente, pela janela. Então a felicidade é isto? É isto, vencer na vida? Ser esta mulher igual a tantas, diferentíssima, que observa o filho no quintal?

Professor, o teu pai quer falar contigo. O quê? O teu pai está morto, sim. Está morto, mas conseguiu fazer uma chamada lá do mundo dos mortos para o meu telemóvel. Até parti a travessa da Dona Frau quando ele ligou. Estás tão grande, meu filho. Acho que até cresceste na escola, desde que te vi hoje de manhã. Essa linguagem europeia que vocês aprendem deve ter propriedades especiais que te esticam. «Olá», diz-lhe só «olá», é o teu pai. Conta-lhe uma coisa boa que tenhas feito, no futebol ou assim, mas não o faças chorar. Os mortos são muito sensíveis. E, depois, queres ouvir a canção da mamã? Dançamos um bocadinho o «I'm so happy» na sala dos patrões?

A voz do outro lado (do outro lado da rede) dizia-lhe, «Sou eu». O homem dela. Que estivera todos aqueles anos preso no país antigo por causa de umas intrigas quaisquer de um coronel do

exército, mas que agora estava livre. Que ainda não podia ir ter com eles, mas que um dia haveria de ir. E queria falar com o filho. Primeiro, Kala duvidou de que fosse a mesma pessoa, de que fosse mesmo o seu homem. Depois percebeu que sim. A voz estava mais velha, mais gasta, mas continuava magra. Uma voz que era como uma mão a agarrá-la pela garganta.

Era uma vez Kala. A história de uma migrante que não morreu na fronteira, na passagem, que não foi enterrada nas notícias, nos comunicados, nos slogans, nas promessas, na terra da floresta, numa campá onde se lê apenas «N.N.», *nomen nescio*. Quer dizer, desconhecido. O nome dela: Kala. Era uma vez Kala viva, na Europa.

Atrás do vidro, o seu menino brinca com a bola. Ora chuta contra o muro, ora se atira pelo ar defendendo remates imaginários. De pé, encostada à banca, Kala lava à mão a loiça mais frágil que não pode ir à máquina, e vai olhando pela janela. Cuidado, Professor. Está uma luz mesmo bonita. Os dias são escuros n aquela terra fria, mas hoje há sol. A relva, a roupa, a cerca, a bola, o céu. Cores primárias, vivas, como numa pintura. Kala pensa se estará a imaginar, a olhar com demasiada força. Quando a Frau chegar, vai dizer-lhe que pagará cada caco da travessa com o suor do seu trabalho. E, quando chegar o domingo, há de levar o Professor ao carrossel que puseram no centro da cidade, e comprarão gelados daqueles bons, com cones de bolacha.

— Meu amor, não te magoes!

Afonso Reis Cabral



Mãe, madre, mother



Ontem, tosse mais violenta.
Xarope, aspirina, programa
da tarde na têvê. Metade
da manhã passei-a entre
Dom Picardo e Dona Caraças,
eles gatos e eu mulher na cozinha
a confeccionar o pão-de-ló
à maneira da mãe. Enquanto
batia as gemas e o açúcar,
pensava na mãe, em como tudo o
que faço muito diz que a amo.



A mãe ontem tossiu. Aliviei-a das dores de peito com uma colher de Bisolvon à qual juntei uma aspirina esmigalhada. A mãe disse trata-me muito bem; mas eu desconfio de que ela, madre, mother, já pensou de mim: filha velha que não deslarga. Só que eu sei, em Deus eu sei, que filha velha que cuida é filha velha que se redime. A mãe vai para noventa e sete anos, vive um jeito enrugado de viver. Quando lhe tiro fotografias, embora tente sorrir, os olhos são meias-luas de marfim. Quer saber o que faço com as fotos. Eu não lhe explico. Seriam artes mágicas, a seus olhos, as redes sociais. Depois de curada a tosse, que se lhe agarrou à garganta durante três semanas, publiquei a nossa foto – a mãe sem tosse, eu segurando-a num abraço, ela com os olhos de marfim. E escrevi: «MÃE, o regaço que inspira, trinta anos de viuvez, solidão sem PAI, solidão acompanhada pela família MORTOSA, a nossa união que nunca se desfez pela graça do SENHOR. Hoje tossicou, ligeira febre, mas segue serena nos seus propósitos de maternidade. MÃE! Foto, Joana Mortosa.» Poucos comentários, uns tantos *likes*, um *sticker* que diz *carry on*. Prossigo com a mãe, ela sempre juntinha a mim, num rumo de abnegação e amor a que eu nunca poderia aspirar. Bem vistas as coisas, ela é MÃE.

Ontem, tosse mais violenta. Xarope, aspirina, programa da tarde na tvê. Metade da manhã passei-a entre Dom Picardo e Dona Caraças, eles gatos e eu mulher na cozinha a confeccionar o pão-de-ló à maneira da mãe. Enquanto batia as gemas e o açúcar, pensava na mãe, em como tudo o que faço muito diz que a amo. Onze minutos e quarenta e três segundos de

cozedura, pão-de-ló baboso com cama onde se deitar, tal qual a mãe gosta. Desceu-lhe pela garganta como presa em esófago de jibóia, e no fim ela agradeceu-me: apesar de tudo, és boa filha. O texto da foto de hoje podia ser esse, filha e mãe agradecidas perante a pratada de pão-de-ló, mas o gesto da mãe engrandeceu-me de tal forma o espírito, que apenas consegui escrever: «GRATA». A Renata concordou, comentando: «A gratidão faz de nós o que somos.»

Ontem, a mãe não tossiu. O silêncio acordou-me de noite. Desde que dormimos no mesmo quarto, quais esposos antigos em camas separadas, preocupa-me o silêncio. Levantei-me, encostei o ouvido à boca da mãe e assegurei-me de que respirava. Quando não tosse, quando nem se ouve a expectoração, julgo que o dom da vida chegou ao termo. Nessas ocasiões, angustio-me e penso: mãe, madre, mother, fica comigo. Porém, acordou bem-humorada, a pedir o copo de água das manhãs (sem pedras de gelo porque são agressivas para os beijos), e a explicar-me que sonhara com o PAI. Ouvira bater à porta, atendera, era ele, nos seus quarenta, nos seus cinquenta anos, novo demais para se interessar por uma velha. Só que era o reencontro, e de novo juntos assim ficariam. Eu disse-lhe que os sonhos são a janela para a alma, expliquei-lhe que o pai habitava entre nós, testemunho de fé. Mas por momentos senti que, ao sonhar com o PAI, a MÃE me renegava. Era dizer-me, por palavras travessas, que estaria mais bem acompanhada por ele. E que gostaria de se livrar de mim. A angústia criou raízes entre as artérias, de volta do coração, e quase não respirei, pois assemelhava-se a uma mão pesada no peito. A angústia tornou-se o mapa da dor. Porém, acabámos o pão-de-ló do dia anterior, que ainda se aguentava húmido, e vimos o Gordo. «MÃE, UM ESPECTÁCULO – MADRE, UN

ESPECTÁCULO – MOTHER, A WONDER», publiquei. Um comentário dizia-me: «Força, exemplo de filha.» E a angústia fez-se ansiedade, e a ansiedade fez-se extinta. Dormi sem sonhar com o pai.

Lembrei-me de um dia na missa, era eu pequena de seis anos. É mais imaginação e remorso do que memória. A mãe assustava-me, era já alguém ancestral, tinha as rugas espalhadas várias, parecia-me tão velha como hoje, que fez os noventa e sete. Rezava como quem pede: a minha filha sempre ao pé de mim, ouvia eu escapar-se-lhe por entre os dentes. Eu queria ser a boa filha que sou, porém a oração soava-me a ameaça. A um não te largo. Ela, a mãe, pedia-me anuência, desejava-me sempre pequena. Hoje, a vida ensinou-me como se trata uma mãe, mas então – na missa – faltava-me saber. Peguei no relógio que a mãe me dera para brincar, caro para o salário de educadora de infância, e apresentei-o à pedra da igreja. Rezei a minha oração – raspei o vidro do relógio no chão até o estilhaçar por inteiro. A mãe correu para mim, eu afastei-me com aquela urgência de me deter, deixei cair o relógio, parti-o – e então, mãe, tu ralhaste e abraçaste e eu chorei. Senti o abraço sem fim que ainda hoje me sustém. E confirmo que até quando a mãe está em apertos gosto de receber o seu abraço. Quer dizer que ao longo da vida lhe parti muitos relógios para ter o ralhete e a recompensa, principalmente desde que voltei à casa materna depois do meu ex. «MÃE, altar da paciência», postei sem foto.

Ontem, assustei-me. Mãe, madre, mother, a aflição das horas paradas. De madrugada, acordei com um cicizar vindo da outra

cama. A mãe esforçava-se por respirar, o fôlego entrava-lhe como por uma palhinha enfiada na traqueia. Seguimos de ambulância. Dai-me, Senhor, a força de fazer e a vontade de aceitar. A mãe respirou durante várias horas pela palhinha imaginária que a idade lhe pôs na garganta, em grandes esforços. Os médicos falaram de insuficiência cardíaca. E eu vi a insuficiência como um abutre que desce sobre um corpo ainda vivo. Ao fim do dia, derrotada, recorri a uma foto antiga em que a minha cabeça se enterrava no pescoço da MÃE, o meu cabelo entrelaçando-se com o dela. «SERENIDADE, SERENIDAD, SERENITY» De imediato, um *sticker* de um abraço de urso e uma ex-colega, a Érica do economato, a comentar que todo o sacrifício vale a pena, estamos contigo.

Ontem, um dia descansado. A mãe – fonte de carinho – já respira por uma palhinha maior. Voltaram as cores às faces. Mas continua embicada em não abrir os olhos quando a fotografo. Quando nos fotografamos. Fica sempre acinzentada, de queixo à banda, e os tais olhos de marfim que insistem em não me fitar. «SAGRADO CORAÇÃO DA MINHA MÃE», publiquei. Alguém fez aquele *like* da cara a rir. A galhota incomodou-me, desamiguei, dormi mal. O grande abutre agora pairava sobre o meu corpo e eu não queria ser levada.

Gostava de explicar à mãe o que ela significa para mim. Compor-lhe uma música, escrever-lhe um poema. No entanto, sinto que a música e a poesia são coisas poucas, se comparadas com a certeza constante da PRESENÇA. Eu estou presente, essa é a minha canção, esse o verso. Custa-me que ela, a MATER, já não tenha discernimento para o correr dos dias. Estes correm-lhe sem que ela os entenda. No correr-correr estou eu, filha/rochedo mas também frágil. A mãe desconhece a minha fragilidade, chego a pensar que não me vê como sou, filha mas

também mulher. Talvez me veja como a mão que cuida, o braço que ampara. E a mim entristece-me ser apenas uma parte de mim mesma.

Ontem, o pior dia, o dia que a filha mais teme: a MÃE já não está entre nós! Mãe, madre, mother, meu amor de todos os dias, meu consolo, minha aflição de às vezes, meu cuidado, meu carinho. Ainda chamei a ambulância, ainda chegámos vivas ao São José – mas, em finados, a médica disse-me: «Lamento muito...» Senti-me de imediato uma senhora velha, num instante cheguei aos noventa e sete anos que a mãe deixara para trás. Doeram-me as articulações, custou-me respirar. Desamparei. De pouco me lembraria, não fossem todas as horas daí em diante igualmente vazias. Ao fim do dia, depois dos arranjos necessários, publiquei a foto do ano passado, aquela em que mãe e filha se sentam no *maple* para conversarem sobre o passado. Legenda: «MÃE, HOJE RECUPERADA! Amanhã um novo dia na harmonia de duas almas que se ajudam mutuamente. – MADRE, HOY RECUPERADA! Mañana un nuevo día en la armonía de dos almas que se ayudan. – MOTHER, TODAY RECOVERED! Tomorrow a new day in the harmony of two souls that help each other.» A Maria da Graça, que eu não vejo há quinze anos, comentou: «amor de filha, o mais belo».

Agora que partiu, a mãe ainda vive em mim intensamente. Mas mentiria se dissesse que nunca discutimos. Quando eu era adolescente, vivíamos na aldeia. Um dia, a mãe enervou-me em todas as faces do corpo e fui ao jardim, quase jardim quase quintal de pobre, e abri a barraca, de onde tirei o estojo da arma do PAI. A arma era uma espingarda maltratada, canos

justapostos, madeira velha, duplo gatilho, e contudo cheirando a WD-40 como se uma pinga ainda escorresse na alma, se metesse pelo mecanismo e promettesse que o disparo seria para valer. Cheirei-a, cheirei-a mais, e quis ser pequena, do diâmetro dos canos, para fazer de chumbo e ser projectada no corpo de alguém. Imaginei-me projectada inteira na mãe, eu violenta, consequência de um extremo de susceptibilidade. Mas sabia que bastaria pressionar o gatilho para logo me arrepender, desculpa, o tiro que te dou é o tiro que me deste, desculpa. E tive pena da mãe, que nesse momento berrou lá de cima: «Ó filha, não te queria arrelhar, volta, que está tudo bem.» Escondi a arma, cheirei-a pela última vez e apertei-lhe os canos frios. Cheguei à sala. Disse à mãe: «Sabes que nunca me chatearia contigo, por mais que me arrelies», e dei-lhe um abraço. Antes de o abraço acabar, com o cheiro da mãe senti o odor metálico da espingarda misturado com o odor oleoso do WD-40, e isso agradou-me. Há uma fotografia dessa época, de quando a mãe ainda não fechava tanto os olhos. Encontrei-a, digitalizei-a e publiquei sem texto. Também é bom deixar que as imagens falem. Dois *likes*.

Sinto que os funerais autorizam a saudade. No da mãe traí-a sobremaneira, traí-a a fundo, porque quase não pensei nela, apesar de – como costumeiro – estarmos mais uma vez juntas, sós, entregues uma à outra. Mãe. Ocorreu-me que o caixão era um útero igual ao meu, que transporta a morte e mais nada. Mas antes é preciso vida, e eu tive-a sem reservas. Deixei que a vida crescesse, não só como ela cresce fruto dos encontros dos homens e das mulheres, mas deixei que ela crescesse também no espírito. E eu com a vida crescendo. Estive verdadeiramente grávida, expectante. E quando a vida se desenvolveu ao ponto insuportável de ser felicidade, achei que era perene. A nova

pessoa que eu era tinha de durar. Mas a felicidade insuportável desfez-se uma e outra e outra vez. Desde então, mãe, foste a minha forma de nascer, a minha fuga da tristeza suportável, a minha alegria. Nunca o disse e ninguém me ouviu: adoptei a mãe como filha. E essa felicidade nunca se desfez.

Ontem, semanas depois de a MÃE não estar entre mim, acordei sobressaltada pelo ciciar de antigamente. Dirigi-me à cama da mãe para lhe perguntar se estava em condições, se queria o copo de água, o xarope, a botija, a aspirina – mas depois lembrei-me do sucedido. Chorei. Senti-me só. A seguir ao jantar, publiquei a fotografia do passeio de Ano Novo. Os olhos de marfim fugiam-me como se estivéssemos zangadas. Estamos zangadas porque estar zangado é estar longe. «APESAR DAS ADVERSIDADES, SEGUIMOS JUNTAS», escrevi. «Beijos à mãe! Joaninha, inspiras-me», comentou um familiar. Antes de adormecer junto ao ecrã, respondi em comentário: «Mãe, madre, mother – paz, paz, peace.»

Ricardo Adolfo



Mama-san



Antes de o bar da mama-san
abrir para os clientes de sempre,
bati à porta, a medo. Comecei
por lhe pedir uma chávena
de açúcar e acabei a pedir-lhe
trabalho. Ela abraçou-me como
só ela o conseguia fazer, de copo
de shochu numa mão e cigarro
de mentol na outra, e disse-me
para me ir trocar. Já tinha
um vestido à minha espera
e uma cabeleira loira também.



A minha mama-san estava sempre a dizer coisas. O seu trabalho era cruzar o tempo com a palavra, de forma que o universo fizesse sentido. E a sua mestria funcionava. Incluindo quando me convenceu a trabalhar para si com a definição do seu trabalho, *ser uma mama-san é como estudar numa das melhores universidades e ainda ser paga para isso*.

Eu de facto estava a estudar numa universidade, não era por qualquer parâmetro a melhor em coisa alguma, no entanto precisava de dinheiro para lá poder continuar. A família que deixara na terra, e tanta falta me fazia, tinha muito orgulho em mim mas pouco com que me pudesse ajudar.

A mama-san geria um três por três, no andar de baixo do quarto que eu alugava desde que me tinha mudado para a capital, numa ruela sem direito a recolha de lixo. De vez em quando, metia conversa quando me via a chegar da escola. Uns dias queria falar sobre o tempo, outros sobre a bolsa, a novela, às vezes sobre últimas colecções apresentadas pelos estilistas em Paris ou Milão, sobre os álbuns no top de vendas, ou a melhor farinha para tempura. Nenhum daqueles tópicos fazia sentido com o que eu esperava ouvir dela. Entre muitas vénias e pausas meditativas, lá lhe ia dando a impressão não só de que sabia perfeitamente do que falava como também concordava cem por cento com ela. A minha ignorância, de mãos dadas com uma timidez ainda maior, fazia de mim a ouvinte ideal.

Antes de partir para a cidade, fora avisada por meia aldeia para não dar conversas e muito menos ouvidos a senhoras de meia-idade que geriam estabelecimentos de cabelo armado e vestidos lustrosos. Sozinha e cada vez mais tesa, fui esquecendo os avisos, e todos os dias parava para falar um pouco mais com a mama-san. No seu ver, *não ter dinheiro era um dos melhores*

curso que se podia frequentar quando se estava em fase de aprendizagem. O problema era quando não se aprendia depressa e se passava o resto da vida na penúria.

A sabedoria da mama-san e a minha carência monetária sentaram-se aos pés do meu *futon* e ficaram a olhar para mim a noite toda. Muito em breve teria de arranjar uma fonte de rendimento, se não queria voltar para de onde viera num comboio sem lugar reservado. Fiz uma lista das actividades compatíveis com as aulas – a relação entre tempo investido e a remuneração era deprimente. A minha ignorância rendia pouco aos que se quisessem dar ao trabalho de me empregar.

Na noite seguinte, antes de o bar da mama-san abrir para os clientes de sempre, bati à porta, a medo. Comecei por lhe pedir uma chávena de açúcar e acabei a pedir-lhe trabalho. Ela abraçou-me como só ela o conseguia fazer, de copo de *shochu* numa mão e cigarro de mentol na outra, e disse-me para me ir trocar. Já tinha um vestido à minha espera e uma cabeleira loira também. As outras moças estavam a chegar, mas a que fazia as vezes de loira tinha-se despedido na semana anterior. De momento era a única vaga. Mais tarde poderíamos falar sobre outras posições disponíveis atrás do balcão. A loira era suposto ser a mais sabedora, a que falava com os clientes sobre as acções a investir, as últimas inovações no sector das telecomunicações, os recentes movimentos das placas tectónicas, qualquer tópico colocado no balcão que suscitasse uma resposta mais longa do que duzentos e oitenta caracteres. No seu estabelecimento, dizia a mama-san, *não havia clichês nem obviedades. Quem gostava gostava, quem não gostava podia seguir até ao próximo bar. Em qualquer dos casos, não havia cá festinhas, toques ou mexidas. O contacto físico era a morte da artista. A sua casa era uma casa de respeito. Quem vinha ao engano, voltava desiludido. E os que se esticavam iam embora mais pobres e um bocadinho humilhados, para não se lembrarem de*

regressar tão depressa.

O camarim para trocar de roupa era na despensa, um cubículo de cimento forrado a garrafas, *snacks* vários e quatro cabides. A casa de banho era a outra única divisão disponível, e conseguia ser ainda mais pequena. Só as mais ágeis é que conseguiam a proeza de se enfiar dentro de um vestido três números abaixo do seu, em meio metro quadrado. O restante espaço do estabelecimento era ocupado por um balcão em L com cinco bancos altos para cinco clientes, mais cinco do outro lado do balcão para as moças de serviço. Num dia de noite cheia, dez corpos conseguiam ali coexistir. Mais do que isso era optimista.

As paredes continuavam decoradas com garrafas várias, em coerência com a despensa. Depois da atenção da mama-san, o que os fregueses ali mais procuravam era a atenção das suas garrafas de *whisky* e *shochu*, com os *kanjis* caligrafados pela mão da mestre. Era a forma de provarem que, quando diziam até amanhã, queriam mesmo dizer que em breve estariam de volta para continuar a garrafa.

Muito mais ansiosa do que esperava, saí da despensa com a cabeleira a fazer-me comichão e o vestido a não me deixar respirar. Não era a entrada triunfal que imaginara. Era muito parecida com as minhas piores expectativas. De imediato percebi que o veludo do vestido condizia com o veludo que forrava os bancos e as paredes. Suave devia ser a palavra-chave por trás da estratégia de negócio.

Várias outras moças já se entretinham de volta dos telemóveis, a enviar mensagens aos fregueses habituais, com ursinhos e exclamações duvidosas de saudades. A mama-san chamava-lhe «o fazer da noite». Dizia: *A vida não pode ser planeada, mas a noite pode receber umas dicas para sair como nós queremos.*

Depois das apresentações, foi-me explicado como é que se

oferecia o *oshibori* assim que o cliente se sentava, e de seguida como é que se servia cada dose, sempre um pouco mais gorda, até chegar ao rés-do-chão da garrafa do freguês. Momento em que se limpava o fundo e se abria outra, para começar tudo de novo. Enquanto o freguês bebia era suposto pormo-nos a jeito para virarmos a garrafa com ele, só que com mais soda, de forma a ainda estarmos de pé quando os senhores caíssem para o lado.

O meu primeiro freguês trabalhava numa empresa que produzia e vendia tudo o que fosse passível de uma transacção monetária. Devido à sua senioridade, era chefe, mas isso não queria dizer que tivesse qualquer responsabilidade ou autoridade. Tudo na sua empresa era decidido em comité, o que levava a que as decisões fossem raras. Acabara de sair de uma reunião de seis horas sobre as oportunidades e as ameaças de entrada num mercado estrangeiro. Como ninguém conhecia bem o estrangeiro em causa, a decisão foi adiada até que os resultados do estudo sobre o mesmo estrangeiro fossem revelados.

Tudo aquilo me parecia conversa de quem nada fazia e menos queria fazer, mas, com o meu conhecimento de línguas estrangeiras e as horas passadas a planear férias imaginárias no telemóvel, fui entretendo o freguês com curiosidades várias sobre os outros locais e culturas para lá do mar que nos rodeava. Era tão fluente na matéria que quando ele deu por isso já tínhamos virado uma garrafa e a segunda ia pelo mesmo caminho. Um começo perfeito aos olhos da mama-san plantada ao meu lado, a acender os cigarros de um dos seus fregueses preferidos mais depressa do que acendia os dela. E a mama-san tinha fama de acender uns nas pontas dos outros.

Passadas umas horas de conversa morosa, tivemos um intervalo, graças à colega que fazia as vezes da *pop star* por descobrir ao microfone do *karaoke*. De cabeleira preta e corte

tímido, escondia uma voz que dava para fazer desmaiar um estádio. Ali, naquele três por três sem insonorização, era um festim para nós e para os vizinhos. O freguês dela absorvia cada verso da canção de amor como se escrito para si. E, quando a língua dele não tropeçava em si mesma, tentava o dueto romântico.

Aprendi a prezar as pausas para o *karaoke*. Eram pequenos intervalos em que bastava sorrir e continuar a acenar, visto que os fregueses nem por isso se calavam, mas também não conseguiam ouvir as nossas não-respostas.

No fim da noite, a mama-san pagou-me com bónus. Bónus por ter começado e por não ter afugentado nenhum freguês para o bar na ruela em frente. Bónus pelas duas garrafas que ajudei a virar. Disse-me que, com a minha honestidade e bondade, iria longe naquele negócio. Qualidades que suscitavam uma reacção positiva em qualquer ser humano, e mais ainda nos que nos frequentavam.

De volta ao meu quarto, que parecia desde já ter mais potencialidades, coloquei as notas de mil ienes alinhadas no tatami. Eram muitas mais do que esperava. Quis saltar de alegria, mas só consegui cair no *futon*, derreada. A mistura de *shochu* e cansaço fez com que dormisse a melhor noite desde que chegara à cidade. Pela primeira vez senti que poderia encontrar ali o meu lugar, ao balcão de uma nova família.

A primeira noite bem-sucedida não foi sorte de principiante. Segundo a mama-san, *tu absorves bem a tensão que os fregueses trazem aos ombros e eles saem daqui muito mais leves*. Para mim, a leveza que lhes guiava os passos era a dos baldes de whisky com gelo, mas se ela via os factos de maneira diferente não era eu que iria contrariar a sua sabedoria. As minhas colegas concordavam. Em menos de nada tornara-me a preferida da mama-san e dos fregueses, porque qualquer moça que eu tivesse de ser, era-o de forma perfeita. Pouco tinha que ver

comigo. Na verdade, em poucas semanas tive de ser a que cantava, a que contava anedotas e a das conversas existenciais. Só não tive de fazer a vez da mama-san, visto que ela nunca faltava. Para as diferentes versões de mim, mantinha-me calada o mais possível e deixava-os falar. Quando faziam uma pausa no monólogo, eu repetia-lhes a última palavra que tinham dito, e lá iam eles outra vez beca-beca fora. Era como dar mais uma volta num boneco de corda. E eles achavam-me encantadora. Adoravam quando me ria das idiotices que diziam, fiando que as suas anedotas eram geniais. Era provável que ficassem de coração partido se me lessem os pensamentos, mas como costumavam acabar todas as noites com os pensamentos turvados, nunca tive de me preocupar.

A minha lista de clientes regulares crescia todos os dias. De maneira a não deixar ninguém desapontado, comecei um calendário semanal com reservas. Dava aos fregueses algo para sonharem todas as semanas, e a mim oferecia a paz de saber quanto é que iria fazer por mês, mais garrafa menos garrafa. A gestão do meu cantinho do balcão no bar da mama-san passou a ser a referência da casa, e até ela me pedia que ajudasse as outras moças a fazerem algo melhor com as suas vidas. Tornei-me na chi-mama, mesmo antes de saber o que isso queria dizer.

A mama-san explicava-me que *as outras moças têm a beleza da juventude, mas tu tens a beleza que só os anos atrás do balcão conseguem oferecer. Parece que toda a vida os ouviste*. Nunca cheguei a perceber se ela acreditava nas suas palavras, ou se me repetia o mesmo vezes sem conta para me manter por perto enquanto as outras iam e vinham, semana sim semana não. Um dia, até me confessou que em breve se fartaria do seu bar e iria fazer algo diferente. Não tinha paciência para negócios bem-sucedidos, mas gostava muito que eu ficasse no seu lugar. Poderia ser a mama-san mais nova de sempre e construir um império com a minha capacidade infinita de ouvir.

Eu sempre achei que era quase tudo timidez minha, interpretada da forma mais generosa por quem me rodeava. Nunca lho disse. Acenava que sim e esperava que o assunto se dissolvesse, como o gelo afogado pelo *whisky*.

O que começou como uma fonte provisória de rendimento até eu arranjar algo melhor para sustentar a universidade acabou por se tornar a parte mais interessante dos meus dias. Passava as aulas à cata de tópicos que pudessem impressionar os meus fregueses. Roubava conversas do dia para as dar à noite. Ano após ano, até ter uma lista de reservas maior do que aquele três por três alguma vez poderia albergar. Os fregueses faziam fila à frente do meu calendário, à espera da noite que lhes cabia, e a minha tarifa horária foi sendo inflacionada pela mama-san, que sabia que em breve o meu curso iria acabar. Repetia-me para que precavisse o futuro, *tens de poupar todos os dias para em breve poderes comprar o que quiseres. Até uma vida nova.*

Na véspera da graduação da universidade, cheguei à despensa, mas o meu vestido de serviço não estava pendurado. Em seu lugar estava um *kimono* vermelho de par com umas *hakamas* amarelo-fluorescentes. Uma combinação só possível para a mama-san. Apesar de estar sempre a dizer muitas coisas, ela ouvia tudo e sabia, sem que eu alguma vez o tivesse assumido perante ela, que a minha carreira de moça de bar chegava ao fim naquela noite. Acabava quando menos fazia sentido, na mãe de todos os picos. Mas como aquele era um sonho emprestado, pouca diferença me fazia. Aprendera que a ouvir se conseguia muito mais do que a falar, e estava curiosa por experimentar essa lição atrás de outros balcões que se cruzassem no meu caminho.

No dia da graduação, vesti a prenda da mama-san, tirei todas as fotos com a família que se juntou a mim, vinda da terra, e depois do jantar pedi licença para ir celebrar com a minha

melhor amiga. Ainda de traje oficial, sentei-me no banco reservado aos clientes da mama-san e pedi-lhe que abrisse uma garrafa em meu nome. Ela respondeu que *nesta vida é normal distrairmo-nos, é mais fácil e até mais divertido, mas, quando percebemos aquilo em que nos queremos concentrar, não mais devemos deixar que a vida nos distraia.*

Miguel Araújo



Heitor e a mãe



A mãe foi-se embora mal
se teve de pé. Dobrou a esquina
da então chamada Maternidade
Júlio Dinis, entrou num café
que se chamava Boa Hora,
não respondeu quando o senhor
do balcão disse boa tarde minha
senhora e apontou com o dedo
num gesto de esforço mínimo
para um maço de Português
Suave dos amarelos.



O Heitor

O Heitor tinha acabado de fazer 21 anos, a maior das maioridades. Não era de todo convencional só estar a conhecer a mãe naquela altura, naquela idade. Ainda por cima naquele estado: reduzida a cinzas, dentro de uma urna funerária. Sem palavras, sem forma, sem pele nem carne nem osso, sem uma explicação, sem setenta por cento de água, sem vesícula nem fémur nem linfa, sem cara. Cinza, como se fossem detritos de pontas de mil cigarros, ou eucaliptos e folhas e caruma depois de um incêndio, ou tanto faz, matéria-nada, matéria ardida, composto, fertilizante, pó. Oxigénio, carbono, nitrogénio, hidrogénio, cálcio, fósforo, potássio, sódio, cloro, magnésio, a mesma lista de ingredientes, a mesma receita química de que seria feita dias antes menos a água, menos a vida. Como podia aquele amontoado de detritos dentro de uma urna rosa-mate ter assumido, até sabe-se lá quando, provavelmente até quarta-feira da semana anterior, toda uma outra configuração, uma disposição atômica do tipo matéria-vida, uma milagrosa e improvável composição orgânica capaz de dizer duzentos gramas de fiambre se fizer o favor, ou rezar a Santa Cecília, ou fazer o sudoku da página de trás de uma revista, ou lambar a parte de trás de um selo, ou pedalar em falso na elíptica do ginásio ou meter uma chave no buraco de uma fechadura de uma porta, empurrar com o pé e dizer cheguei, filho, enquanto pousa sacos de compras na cadeira da entrada e envelopes de adultos no monte dos envelopes de adultos. Terá feito muitas destas coisas e mais ainda, exceptuando a última, a última não terá nunca feito, quer dizer, se calhar fez, mas não comigo, pensou o Heitor. A menos que tivesse um cão ou um gato ou

um cágado chamado filho, ou a quem chamasse filho, para quem todos os dias achasse que pagava a pena voltar. Porque filho-filho havia de não ter mais nenhum, senão teria ido ao encontro desse filho depois da pira, e não com este. Mas essa é mais uma das coisas que Heitor não sabe, não saberá. «Restos mortais não reclamados» e pronto, não foi difícil encontrar um parente próximo, neste caso um filho, neste caso portanto o Heitor. E foi assim que a funcionária do Crematório de Paranhos passou para as mãos de Heitor três quilogramas de uma rubicunda, rosácea e roliça urna, como quem diz agora amanha-te, e Heitor ali, com aquilo nas mãos, quase se conseguia lembrar de quando terá sido exactamente ao contrário faz por agora exactamente 21 anos. Sentiu-se num bizarro círculo sem princípio nem fim, como todos os círculos são, sentiu-se como que pai da mãe, a segurá-la nas mãos pela primeira vez das mãos de uma parteira que do produto do seu trabalho se desembaraça afoita como quem diz agora amanha-te. Heitor perguntou pela mãe pela primeira vez aos 7 anos. Por essa altura já sabia que era normal ter mãe, já tinha visto mães, já havia sido inteirado da existência de mães mas a avó disse simplesmente que ele não tinha mãe, não tens, não te queixes, eu também não tenho filha, se queres saber é bem pior, agora amanha-te, deixa-me ver mas é uma mola, e continuou a pendurar camisas e lençóis no estendal com molas às cores, e disse isto tudo enquanto segurava uma mola azul (a seguinte) no canto dos lábios secos, esvaziados pelo tempo, duros de tanto estender roupa, de tanto não ter filha, de tanto abocanhar molas. Heitor ficou a saber que não tinha mãe e tirou mais uma mola à sorte, mergulhou a mão pequena na bacia e saiu uma amarela. Pega, avó.

A mãe

A mãe foi-se embora mal se teve de pé. Dobrou a esquina da então chamada Maternidade Júlio Dinis, entrou num café que se chamava Boa Hora, não respondeu quando o senhor do balcão disse boa tarde minha senhora e apontou com o dedo num gesto de esforço mínimo para um maço de Português Suave dos amarelos. Depois saiu, andou, andou, andou, acenou com firmeza, atirou o cigarro para o chão, pisou-o, entrou num táxi e disse aeroporto se faz favor.

A VCI

Heitor sentiu-se a primeira pessoa do mundo a guiar um Lancia Y10 pela Via de Cintura Interna afora com uma urna funerária contendo as cinzas de restos mortais não reclamados entre os fémures, com cuidado, a embraiar suave, a acelerar suave para não entornar a mãe pelo tapete do chão do carro. Mas não tinha tempo a perder. Não iria abandonar a mãe, nem ela o iria abandonar agora, era a hora de a mãe o levar a conhecer os pontos cardeais da sua história, da sua existência, de onde vinha. Estavam a compensar o tempo perdido e agora o mais urgente era pôr o pisca para sair em Bessa Leite, vai-te tentando meter na faixa da direita, filho, ok, mãe. O Heitor já tinha passado por ali vezes sem conta, mas de repente tudo lhe parecia revestido de uma reverberação dourada de encanto primordial, o Café Corcel, a Cufra, o Colégio do Rosário, os consulados, o mar ao fundo, o brilho novo que vem das coisas quando estas se permitem ser vistas através de um olhar novo, neste caso o olhar cristalino de uma mãe, uma nova mãe, uma mãe recém-nascida. E a vaidade de se saber dali. O súbito enobrecer de umas raízes que desconhecia em si, de resto sempre se havia deixado abespinhar por se achar gérmen de outras mais rasteiras, mais gentias, de uma antiga casa de

lavoura a cair aos bocados em Leça do Balio, com tanque e estendal e cheiro a madeira escura e musgo e humidade e uma avô de preto e lenço e de repente até o nome, Heitor, lhe soava de outra forma, dito assim ali em voz alta, no carro, a dobrar a rotunda do Castelo do Queijo e este aqui é o palacete onde tu nasceste, filho, vê ali o caramanchão junto ao mar, o jardim ia até ali, depois é que nos roubaram este naco para plantar aqui a Avenida Montevideu. Isto agora é a clínica onde eu atendo os telefones, mãe, já viste como as coisas são. Eles nem sonham, filho, agora anda, vamos comer um croissant à Doce-Mar.

A Doce-Mar

São dois croissants para aquele rapaz ali, qual, o magrinho, sim, o magrinho, deve estar com fome, pediu duas meias de leite também.

Desculpe, eu tinha pedido duas meias de leite.

Tu nunca deixes que te metam a pata em cima, estás a ouvir, meu filho, consegues ver ali do outro lado da avenida, e o Heitor em silêncio, foi dali que o avô do avô do avô do avô do teu avô se meteu num barco até Inglaterra com mais outros onze maluquinhos e lá foram eles defender a honra de umas damas inglesas, e depois até se casou com uma delas, tu não deixes que te metam a pata em cima, e o Heitor em silêncio, tu tens sangue estrangeiro, e a palavra sangue lembrou-lhe as galinhas sem pescoço a correr aos círculos no pátio de casa da avó, a avó com uma faca numa mão e uma cabeça de galinha na outra, os teus antepassados eram gente importante, o senhor foi inclusive recebido pelo duque lá em Inglaterra, não te esqueças disso, pede-me lá um maço de Português Suave dos amarelos, não tenho mais dinheiro, anda lá, amanha-te, e vai rápido que eu quero sair daqui, quero ir ver o palacete e

acabou de entrar ali a dona Irene e eu não quero que ela me veja neste estado.

A dona Irene

A dona Irene não se chama dona Irene. Chama-se Cristina Alves, entrou na pastelaria Doce-Mar e foi-se sentar junto do neto, que se chama Filipe. Pediram dois croissants e duas meias de leite.

O Oporto Oral Center

Foram em silêncio no carro. Quem visse de fora: um jovem adulto magro ao volante de um Y10 e ao lado, no neste caso convenientemente chamado «lugar do morto», uma urna funerária com o cinto de segurança de trespasse. Heitor foi levando o carro com cuidado. Não queria entornar a mãe.

Foram por trás, Heitor estacionou na rua que dava para as traseiras do Palácio, a Rua Marechal Saldanha, era a força do hábito, era por ali que entrava para se apresentar ao serviço, passava pelo portão verde, aproximava o cartão do leitor magnético, um bip, e entrava pela porta de serviço, no meu tempo isso era a porta dos cavalos, filho, por amor de Deus, vamos entrar pela frente, Heitor acomodou a mãe na mochila, contornou o quarteirão e entrou pela rampa da frente, a Odete da recepção franziu as sobrancelhas em V e disse Heitor como quem exclama uma pergunta, onde está o doutor Hernandez, preciso de falar com o doutor Hernandez. É urgente.

O doutor Hernandez

O doutor Hernandez era uruguaio, de Montevideu, tinha vindo parar a uma Avenida com o mesmo nome por uma daquelas reviravoltas em que a vida se insinua inquietantemente irónica. Não se sabe muito bem porque é decidiu sair de onde quer que estivesse, dobrar uma qualquer esquina e andar, andar, andar, acenar firme com o braço, atirar o cigarro para o chão, pisá-lo, entrar num táxi e dizer aeropuerto, por favor. Movido pelo ensejo de branquear dentes ou capitais, não sabemos, abriu com muita facilidade uma clínica dentária ali na Avenida de Montevideu, no Porto, no edifício de um palacete de família do início de século xx. Terá feito esta viagem não no sentido de se dirigir para ali, mas antes num sentido que podemos chamar de contrário, ou inverso, apesar de único: no sentido de sair do sítio de onde partiu, no sentido de fugir aos problemas para constatar que, após recalibragem das coordenadas, após o reajuste, aquando do recentrar da nova geografia, o problema se mantinha inalterado, como uma nuvem que não passa, o problema era ele, era o próprio doutor Hernandez e de repente ali, na entrada da clínica, à frente de pessoas sentadas à espera de vez, à espera de que o vizinho do lado termine a cobiçada revista de generalidades, o Heitor dos telefones de mochila às costas, nem o reconheceu, não é fácil reconhecer pessoas retiradas dos contextos aos quais as associamos. Doutor Hernandez, sou o Heitor dos telefones e venho respeitosamente pedir ao doutor Hernandez que saia, que se retire, que desinstale por favor a sua clínica daqui porque esta casa é minha, o doutor Hernandez impávido, inerte, com aquela expressão de bovino ruminante em momento de pausa, há certas situações que de tão desconcertantes retiram a expressão das caras das pessoas que por elas passam e ainda bem que já está aqui a polícia, que assim já se esclarece tudo, filho, deixa estar, mãe, eu resolvo, não te preocupes.

Hospital de São João

Uma polícia chamado Jorge ao volante, outro chamado Vítor sentado no neste caso apenas metaforicamente designado por «lugar do morto» e atrás, calmo, abraçado a uma mochila, magro, o Heitor. Onde vamos, filho, ainda quero dar um mergulho no mar, olha que este tempo aqui nesta zona não é costume, temos que aproveitar, deixa, mãe, eu resolvo, vamos já para casa, temos só que ir tratar das papeladas, isto não é assim, há papelada para tratar, carimbos, documentos, por favor saia do carro, senhor Heitor, porque é que estão a agarrar o braço, posso bem ir sozinho, as urgências psiquiátricas são por ali, os polícias sabem bem o caminho, este é o procedimento normal, a única urgência que eu tenho é que preciso de ir à casa de banho, ok, vá lá que nós ficamos aqui à porta, não demore, e de repente aparece ali a avó, de preto e lenço, mola amarela no canto dos lábios, tu não tens mãe, não te queixes que eu não tenho filha e olha que isso é bem pior, quem é esta, diz a mãe, cala-te, mãe, e o Heitor a abrir o tampo da retrete, por cima um papel que pedia para não despejar sólidos ali, quais sólidos, matéria-nada, matéria ardida, composto, fertilizante, pó: oxigénio, carbono, nitrogénio, hidrogénio, cálcio, fósforo, potássio, sódio, cloro, magnésio, tudo ali pelo ralo abaixo, vai lá dar o teu mergulho, mãe, aproveita que está bom tempo, e depois o Heitor levou a injeccção, deitou-se no quarto para onde o mandaram e pensou que quando sair dali fuma uma destas porcarias que tem no bolso da mochila, leva o outro croissant que o senhor da Doce-Mar embrulhou em dois guardanapos, enfia-se num táxi e desta vez é mesmo: aeroporto, se faz favor.

Ondjaki



Quem deus inventou



ali, onde havia o campo minado
e agora crescia o imbondeiro,
era lugar de brincadeira
e travessia quando a Velha
era criança. todos os velhos
e velhas já atravessaram
infâncias. as mãos e a pele
se esquecem disso, os hábitos
e as horas se esquecem disso,
as habilidades e os modos
do tempo se esquecem disso.



*as mães são como os ventos: dão a volta pelo fim do
mundo e moldam os corpos ao assombro de parir.*
[a morte]

um sino tocava mais para os de perto que para os de longe.
sempre assim fora.

os pássaros imitavam algo que fosse uma fuga, mas sem
pressa. isso a que chamamos fugir tem, usualmente, uma razão
que desconhecemos.

— os pássaros não fogem — disse a Velha.

— tu sabes das razões dos pássaros?

— os pássaros vão sempre a novos lugares. quem foge é
pessoa.

— e bicho?

— bicho também é pessoa.

— e pássaro não é bicho?

a Velha respirou fundo e já não quis falar. pensar cansa e
falar pode extenuar os pulmões e a cabeça. já o silêncio abre
espaços quase perfeitos.

— está a ler a vida? — perguntou a mulher.

— estou a fingir que estou a viver uma vida — disse a Velha.

respirava fundo e não queria falar. como se o assunto lhe
pegasse pela mão e fizesse do tempo morto um convite
irresistível.

a Velha não queria falar por falar, que também era belo; mas
deixar o corpo falar.

falar vazio, sem textura, sem voz de dizer, sem algo na fala
que olha ou que pede para ser olhado, isso não desejava. há

muitos anos que não.

— há quantos anos a minha filha...? — perguntou a Velha.

mas perguntas há que a boca faz e o silêncio devora.

os pássaros que imitavam a fuga haviam saído de perto.

um cheiro a capim queimado parecia atravessar o lugar, dois gafanhotos brincavam de fazer amor ou alguma ginástica que a isso se assemelhava.

— gafanhoto não cansa? — perguntou a Velha.

a outra riu.

— é como? agora lembrou de gafanhoto?

— nós a andar, cansamos. a correr, cansamos mais ainda. o gafanhoto sempre a saltar não cansa?

o olhar de uma delas não estava ali. não parecia estar por perto. ao longe, um dos dois gafanhotos parou a brincadeira, forçando o outro a parar também — como se à escuta.

— posso dizer gafanhoto, posso dizer sapo, posso dizer qualquer bicho que salta. não cansam? deve ser que gostam. a pessoa não cansa se gosta. bicho deve ser igual.

— você acha?

— desconfio.

coisas nascem perto das árvores. e vice-versa.

ali onde era o campo minado, onde tanta gente se precipitou para o outro lado, um imbondeiro cresceu forte e largo. quanto maior se punha, menos minas explodiam.

um dia, deu flor. deu uma flor, o imbondeiro. e as pessoas souberam: não era mais preciso ter medo das minas.

diziam que a árvore secou as minas.

uma flor.

perto do imbondeiro contavam as histórias que as crianças

pediam. era impensável negar uma estória. podia-se dizer «não» ao amor, à fome, ao abraço, a um ou outro gesto. mas impensável era dizer não a uma estória.

era comum ver alguém interromper uma caminhada, uma ida ao rio, um afazer, porque uma criança, à beirada de qualquer estrada, havia pedido uma estória. tão simples assim: depois de dormir, entre refeições, a meio da madrugada, perto do rio e nas beiradas do campo minado: se a criança pede uma estória, a pessoa pára o mundo e põe-se a contar. mesmo que seja a mesma estória. mesmo que seja uma estória vestida de dor.

— no começo não havia pássaros? — perguntou a criança.

— em qual dos começos?

— no começo do mundo.

— não está certo dizer que no começo do mundo não havia pássaros.

a Velha sentou-se numa pedra. a criança, de pé, sorria: a Velha não podia sair dali até terminar a estória.

— é errado também dizer — continuou a Velha — que no começo do mundo já havia pássaros. o que não havia era o céu todo aberto, o lugar de voar.

— o mundo era só a parte de baixo?

— o mundo não tinha partes, era só águas molhadas.

— peixes, havia?

— peixes havia.

— e pássaros, não havia?

— ainda não tinham chegado.

— deus, havia?

— deus ainda.

— quem inventou deus foi outro deus, avó?

— não. foi uma mulher.

a Velha não gostava do cheiro a capim queimado, tudo no fogo

lhe era delicado, tudo no fumo lhe aproximava das cinzas, tudo nas cinzas lhe fazia repensar o fogo.

não só o rio tem duas margens. a pessoa também.

— avó, vai lá ver o capim queimar?

— não, eu não gosto de nada a queimar, prefiro tudo a nascer.

— disseram estão a queimar o capim porque tavam a vir muitos gafanhotos.

— e queimar capim faz os gafanhotos irem noutro lugar?

— parece é o fumo.

— o fumo?

— os gafanhotos não gostam de nuvem.

a Velha riu. a criança sorriu um pouco antes, em gesto de provocação e sinuosa ternura.

— o fumo imita as nuvens — disse a Velha.

— é isto que estou a dizer.

— quem começou o fogo foram as crianças?

— não, avó. foram os mais-velhos. são sempre eles que começam o fogo.

era fim de tarde. a Velha tinha que ir buscar água justamente onde estavam a queimar capim para afastar os gafanhotos. dias antes, ela havia sonhado não com uma nuvem de gafanhotos, mas com uma gigantesca forma que imitava um gafanhoto — mas era uma canoa.

subia o rio, disfarçada de canoa. bebia o rio, disfarçada de canoa. e levava as crianças para o fundo do rio, disfarçada de canoa.

— o que precisa ser afastado está dentro do sonho...

— avó disse quê?, não ouvi — tentou a criança.

— não chega queimar o capim perto do imbondeiro.

a criança já se ia afastando, quando a avó a chamou com o olhar.

— avó?

— como se faz uma canoa?

a criança pendurou o olhar numa árvore longínqua e esperou que a avó insistisse com a pergunta. a avó não insistiu.

— planto uma árvore? — tentou a criança.

— muito bem: antes da canoa vem a árvore. agora podes ir.

as árvores nascem perto das coisas e vice-versa.

ali, onde havia o campo minado e agora crescia o imbondeiro, era lugar de brincadeira e travessia quando a Velha era criança. todos os velhos e velhas já atravessaram infâncias. as mãos e a pele se esquecem disso, os hábitos e as horas se esquecem disso, as habilidades e os modos do tempo se esquecem disso.

— quem não esquece, avó?

— o olhar. o olhar não esquece nada nem ninguém.

o campo minado tinha buracos cheios de flores ou mato no lugar onde as minas feriram e mataram pessoas. pessoas e soldados. pessoas e velhos. pessoas e crianças. as minas são cegas e gritam como morcegos. ali, entre buracos e flores, a Velha podia ver cada brincadeira da sua infância, outros ritmos, outros corpos então vivos, a mão da mãe, e a mesma brincadeira de interromper os afazeres de quem passava com o pedido de uma estória.

— é verdade que quando nasceste não vias nada, avó?

— é verdade que demorei muito para ver. há crianças que demoram a aprender a falar. eu demorei a aprender a ver.

— isso é verdade, avó?

— tudo no mundo é verdade.

às vezes ela, a avó, a Velha, pedia à sua mãe que lhe contasse essa estória. e de novo. e de novo. a estudar o tempo que passava e a ver se as versões eram as mesmas, procurando na voz e nas curvas de cada versão, mais do que uma outra versão,

alguma contradição cheia de arestas.

— desta vez parece que estás a contar de outra maneira, mãe.

ao que a mãe respondia com muita serenidade:

— mas então, os dias mudam, o sol muda de lugar, o rio muda de tamanho, tu mudas de corpo e de sorriso, e achas que as estórias ficam sempre iguais, a não mudarem nada de nada?

a lembrança das estórias que mudavam como as pessoas fê-la ir longe. e, nessa ida, quase esqueceu o cheiro do capim queimado. mas ali estavam eles: o cheiro e o capim.

acolheu o cheiro como quem abraça, sem rancor, um antigo inimigo. como poderia contornar o cheiro a queimado do capim sem embater na memória dos corpos que as minas atiravam ao ar?

a Velha lembra-se bem de todos os corpos do imbondeiro. desde que nasceu até ao nascimento da flor.

— o imbondeiro vai dar muitas flores?

— imbondeiro não dá flores — disse a Velha.

— mas então aquilo... não é...

— aquilo é só uma flor. uma só mesmo. você disse *muitas flores*.

— então imbondeiro dá uma só flor?

— este sim. dá só uma mesmo. o homem sentado na pedra era o dono do fogo.

— é você que está a tomar conta do fogo? — perguntou, devagar, a Velha.

— eu é que comecei o fogo, os gafanhotos estavam a voltar e a voltar.

— alguém tem que tomar conta do fogo.

— posso ser eu, sim. ou quer ser você?

a Velha olhava para ele e para o fumo e para as cinzas ao mesmo tempo. alguns gafanhotos desvoaçavam para mais longe, uns a favor e outros contra o vento.

mas não lhe parecia, a ela, que o fogo estivesse a fazer a sua missão. a ele, sim, parecia.

— voltou a sonhar com a canoa? — perguntou o homem.

— sim, ainda foi há poucos dias.

— e a canoa já tinha ficado grande?

— já.

— e o imbondeiro, no seu sonho, já tinha dado flor?

— quase já, sim.

o homem mudava de lugar e levava a pedra para onde fosse. melhor dizendo, arrastava a pedra, deixando um largo sulco no chão. faria lembrar, visto de cima, o rastro de uma lesma gigante.

os olhos começavam a arder.

— os pássaros vão voltar? — perguntou o homem.

— quando for a hora deles, sim.

— quantas estórias você contou na vida?

— é melhor perguntar quantas vidas vivi enquanto falava essas estórias.

mas perguntas há que não se fazem. são anúncios em suspiro do que fica por dizer ou do que, mais correctamente, se espera que aconteça sem forçar ou induzir.

já não havia pássaros ao perto.

— você leva a pedra em todo o lugar que você vai? — a Velha suspirou.

— é a pedra que me leva — o homem respondeu.

enquanto a deixava rolar numa espécie de lugar inclinado era, de facto, a pedra que ia à frente dele, e era ele que se esforçava por acompanhar o seu ritmo.

foi assim que ambos, homem e pedra, desapareceram no meio dos fumos.

sem os pássaros que imitavam a fuga, o cheiro a capim

queimado atravessava o lugar em todas as partes do olhar e do lugar.

os dois gafanhotos voltaram a brincar de fazer amor, inocentes quanto ao fumo ou ao fogo, quanto às águas ou aos sonhos das pessoas, nem sequer pressentiram no tremor do chão o rolar da pedra e os passos do homem tentando alcançá-la.

a Velha pôs as mãos na água. estava morna. apesar disso, voltou a sentir os arrepios que tinha trazido do sonho. a estranha forma de supostos gafanhotos que se assumiam como uma canoa era, para ela, uma imagem incompreensível. há muito que se reconhecia calma, ao acordar, quando tinha que interpretar os sonhos, os pressentimentos, os recados, os avisos e os tempos da colheita. ficava, calma, durante semanas aguardando um sinal de dentro que, depois, se transformava em algo explícito. a mensagem era então passada ao povoado, ou a alguém que andava a ignorar os seus mortos.

não se tratava, pois, de compreender, mas a Velha estranhava a demora. a estranha figura da canoa enorme não evoluía para nenhuma coisa de sentir ou de dizer. nem mesmo, como acontecia por vezes, de sonhar nas formas da lama. ou, ainda mais raro, em curvas desenhadas numa espuma que a comida estragada revelava.

mas: nada. só as vozes dentro do sonho. a estranha canoa levando crianças para o fundo do rio. pouco mais.

agora aquela imagem recente: um homem a correr atrás de uma pedra que dele fugia. a Velha já não sabia se havia ou não falado com o homem. olhou o lugar e restava, sim, o fumo e alguns gafanhotos tontos.

ela própria, para não sucumbir às tonturas, molhou o rosto com a água morna, depois o pescoço, depois os seios. a água parecia agora mais fria.

olhou ao redor de todos os redores do lugar. não viu

ninguém. já não ouvia o resto do eco dos sinos, nem pássaros, nem o friso soprado das cigarras noturnas.

seria noite?

gostou de tocar novamente a água, já fria. era bom.

voltou a molhar o rosto, bebeu um pouco. esse gesto era mais uma provocação dos seus dedos junto à língua. a mão na água fria, de novo. a mão no pescoço e descendo aos seios. os mamilos frios, molhados, e doces de tocar.

— não querem ver... — a Velha sorriu.

molhou as mãos, trouxe nelas mais água do que aquela que nelas cabia, e deu de beber ao seu peito a água fria que lhe trazia calor.

afastou as pernas, afastou o pano, trouxe os dedos para junto de si.

lembrou-se outra vez da canoa, mas já não era gigante. era uma canoa acastanhada de tons madeira. a canoa dos sonhos era o seu sexo. tudo ali era encantamento e confusão, não podia tocar assim a sua canoa e sentir a água fria num prazer quente e interpretar ou ler o corpo para depois contar.

pela primeira vez não conseguiu fazer tudo isso ao mesmo tempo, no mesmo lugar, com os mesmos dedos.

então fez do pano um tronco macio que acomodou junto ao pescoço. deitou o corpo no chão quente. continuou a molhar-se com os dedos da água fria e depois com dedos da sua água quente.

perto do chão ficou. até o corpo tê-la adormecido.

— está a ler a vida? — perguntou a criança.

a Velha abriu os olhos e estava no mesmo lugar, no mesmo pedaço de terra molhada, e sem frio.

— estava ainda a tentar entender a vida.

respirava devagar e não lhe apetecia falar.

falar também era belo. e deixar o corpo falar. mas falar plena de direcção e textura.

— há quantos anos morreu a minha filha...? — perguntou a Velha.

— não sabemos, a avó nunca nos disse.

— e se eu não souber?

— a avó tem que autorizar alguma criança a começar estórias. posso ser eu?

— podes.

a Velha compunha os panos, arrumava um sorriso tímido pelas sensações que se passeavam ainda entre os dedos e o pescoço; vibrações que a pele acomodava e era importante, mais tarde, vir a lembrar.

no chão, no lugar onde se deitara, o molde do seu corpo parecia um mapa desajeitado.

— já sabes ler o chão? — a Velha perguntou.

— sim, avó.

a criança passava o dedo de leve e, realmente, parecia estar a ler as bordas da cavidade, cada irregularidade e forma. quase sem tocar, mensurava a temperatura do chão.

— podes me falar o que estás a ler?

— posso, avó.

— está na hora.

— a avó viu os gafanhotos que estavam com os corpos todos colados?

— no sonho, ou aqui? — apontou para os lados do fumo.

— é igual.

os corpos dos gafanhotos fazendo amor, ou fazendo outras combinações poéticas alheias ao olho humano, configuravam uma certa abertura. a Velha já tinha esquecido essa estória e isso, sim, era normal. assim se encaixava o ritmo humano em

todos os ritmos pré-humanos.

mas a criança não esquecera: anos antes, a própria avó desvendara a ponta da estória do imbondeiro e dos dois gafanhotos.

— são sonhos que abrem o espaço de uma pessoa passar...

— como é que as pessoas vão passar? — perguntou a criança.

— *uma* só. de cada vez. uma passa no caminho de ir. outra no caminho de vir.

tudo isto tinha sido escrito pela vida e pela vez das mais-velhas. e era simples: há um modo descomplicado de tratar o amor. há um rio que existe e se espelha para além de todas as margens. em raras ocasiões, esse sinal se dá, aparece.

na forma de uma chuva. de um gesto. ou entre o gesto e a chuva.

como uma flor.

como um gesto para o mundo se reaprender. — se eu conseguir arrancar a flor...

— se a flor cair, a avó vai morrer nesse momento — disse a criança.

— viver é daqui para ali... mas a minha filha volta?

— a sua filha volta. as minas também.

— mas a minha filha...?

— volta.

— ela nunca chegou de ser mãe... me dê a pedra.

— só pode atirar uma vez. não falhe, avó, com a sua mão e os seus olhos de velha.

a Velha, a avó, a mulher, a mãe abriu a palma da mão e esperou que a pedra lhe fosse pousada sobre a pele.

fechou os olhos e apertou a pedra entre os dedos. preparou a respiração mais do que o corpo, inspirou como quem se despede dos dias tal como os conheceu e celebrou.

— eu vou fazer a pedra voar com o coração.

o arco não se fez esperar, o ruído azedo aconteceu. a pedra

voou, certaíra.

os dois gafanhotos pararam — para sempre — de fazer amor. o sino não tocou. os pássaros olhavam à espera do que aconteceu: a flor do imbondeiro tombou sobre a marca que o pé da Velha deixou.

a filha apanhou a flor. olhou em volta e pouco viu.

a criança soprou o dentro da flor, o incandescente laranja-vivo que o pólen acende ao ser atravessado pelo vento.

o campo foi, de novo, semeado de minas.

a filha, ainda já grávida, caminhou de regresso à aldeia.

Figura central na vida de todos — pela presença ou pela ausência —, a mãe é o mote para esta antologia de contos inéditos



Nome de mãe reúne, num único volume, alguns dos escritores mais expressivos da ficção em língua portuguesa: um livro que acolhe e expande a multiplicidade de papéis que a figura materna desempenha desde sempre, seja no espaço público de quem a rodeia, seja na vida íntima e no imaginário dos seus filhos.

Aqui encontramos uma mãe que dá à luz entre estranhos e não reconhece o seu bebé; uma mãe apanhada nas malhas de um conflito armado; uma mãe abnegada que um dia se liberta sexualmente de forma inesperada; uma mãe que vive a doença com o filho à cabeceira; uma mãe a quem a demência destrava a língua e enevoa a memória; uma mãe moribunda que desencadeia uma reflexão retrospectiva acerca da vida; uma mãe-avó-Velha que, num ambiente onírico, tenta fazer sentido

da existência; uma mãe que apenas é encontrada pelo filho depois de morta e que passa a acompanhá-lo como um fantasma; uma mama-san que educa as raparigas do seu bordel para o mundo lá fora; uma mãe que vive no pânico de que o seu filho morra, cumprindo, por isso, rituais asfixiantes.

Oscilando entre o comovente, o memorialístico, o filosófico e o humorístico, estes contos dão um nome diferente a cada uma das mães que retratam, e revelam assim a impressão digital dos seus autores. Uma antologia que é porta de entrada para universos distintos, onde a casa de partida é um lugar mental e afetivo reconhecido por todos os leitores.

Autores



Afonso Reis Cabral

Nasceu em Lisboa, em 1990. É autor de quatro livros: *Pão de açúcar* (Prémio José Saramago), *Leva-me contigo – Portugal a pé pela Estrada Nacional 2*, *O meu irmão* (Prémio Leya) e *Condensação*. As suas obras estão publicadas em várias línguas. Escreve atualmente no jornal digital *A Mensagem* e no *Jornal de Notícias*, e participa no programa *Biblioteca Pública*, da Antena 1.

Hugo Gonçalves

Nasceu em Sintra, em 1976. É autor dos romances *O maior espetáculo do mundo*, *O coração dos homens*, *Enquanto Lisboa arde* o Rio de Janeiro pega fogo, *O caçador do verão*, *Filho da mãe* (finalista dos prémios PEN Clube e Fernando Namora) e *Deus Pátria Família*.

Jacinto Lucas Pires

Nasceu no Porto, em 1974, e vive em Lisboa. Escreve romances, contos, peças de teatro, filmes, música. O seu mais

recente romance, *Oração a que faltam joelhos* (2020), ganhou o Prémio John dos Passos. Durante a pandemia, lançou o livro de contos *Doutor doente* (2021).

João Tordo

Nasceu em Lisboa, em 1975. É autor de dezasseis livros. Venceu o Prémio Literário José Saramago com *As três vidas*, e o Prémio Literário Fernando Namora com *Felicidade*. Foi ainda finalista do Prémio Literário Europeu, do Prémio PEN Clube, do Prémio Oceanos, do Grande Prémio de Romance e Novela APE e do Prémio da SPA, entre outros. Os seus livros estão editados em vários países.

Kalaf Epalanga

Nasceu em Angola, em 1978. É escritor e músico. Faz parte da banda Buraka Som Sistema e foi cronista do jornal *Público*, da revista *GQ Portugal* e do portal *Rede Angola*. Escreve atualmente na revista brasileira *Quatro Cinco Um*. Publicou o seu primeiro romance, *Também os brancos sabem dançar*, em 2017.

Mário de Carvalho

Nasceu em Lisboa, em 1944. O seu primeiro livro, *Contos da sétima esfera* (1981) marca o início de um percurso que passa pela escrita de teatro e de cinema, pelo romance, pela novela e pela crónica. Está publicado em diversos países e as suas obras têm sido objeto de trabalhos académicos, bem como reconhecidas com vários prémios literários, em Portugal e no

estrangeiro.

Miguel Araújo

Nasceu na Maia, em 1978, e vive no Porto. Dedicar os seus dias à escrita de canções. Estreou-se na prosa corrida através das crónicas quinzenais que escreveu para a revista *Visão* (2017-2022). Alguns desses textos estão publicados em livro: *Penas de pato* e *Seja o que for*. **Ondjaki**

Nasceu em Luanda, em 1977. É prosador, poeta, cronista e guionista. Recebeu, entre outros, o Prémio Sagrada Esperança (Angola, 2004), o Grande Prémio do Conto APE (Portugal, 2007), o Prémio Jabuti Juvenil (Brasil, 2010) e o Prémio José Saramago (Portugal, 2013). Está traduzido e publicado em vários idiomas. Correalizou a curta metragem *Vou mudar a cozinha* (2022).

Ricardo Adolfo

Nasceu em Luanda, em 1974, cresceu nos arredores de Lisboa e de momento vive em Tóquio. Divide o seu tempo entre a direcção criativa e a escrita, onde inclui contos, romances, livros infantis e guiões para televisão e cinema. A sua obra está publicada de Portugal ao Japão.

Valério Romão

Nasce em França, em 1974. É autor de três romances (*Autismo*, *O da Joana* e *Cair para dentro*), três livros de contos (*Facas*, *Da*

família e Dez razões para aspirar a ser gato) e duas peças de teatro (*A mala e Irina, Macha, Olga*). A sua obra está publicada em vários países, nomeadamente em França, onde foi finalista do Prémio Femina 2016. É também tradutor e dramaturgo, e integra o projeto de *spoken word* mao-mao.



Edição em digital: junho de 2022

Copyright © 2022, Afonso Reis Cabral, Hugo Gonçalves, Jacinto Lucas
Pires, João Tordo,
Kalaf Epalanga, Mário de Carvalho, Miguel Araújo, Ondjaki, Ricardo
Adolfo, Valério Romão

© desta edição:

2022, Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda.

Companhia das Letras é uma chancela de
Penguin Random House Grupo Editorial
Av. da Liberdade, 245, 7.º A, 1250-143 Lisboa
correio@penguinrandomhouse.com
penguinlivros.pt

O nome Companhia das Letras e o logótipo associado são marcas
comerciais
registadas da Editora Schwarcz S. A. usados com autorização

Edição: Clara Capitão
Revisão: Madalena Alfaia
Paginação e capa: Ideias Com Peso
Projecto gráfico da chancela © Panóplia®
Imagem da capa © depositphotos

ISBN: 978-989-665-901-1

Composição digital: www.acatia.es

Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda. apoia a protecção do copyright..Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, electrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

- [1] Termo pejorativo para designar soldados da UNITA.
- [2] Interjeição de surpresa, encanto ou prazer.
- [3] Pássaro pequeno.
- [4] Alguém que, durante a gravidez e o parto, causou muitos problemas de saúde à sua mãe.
- [5] Gémeos.
- [6] Deus.
- [7] Tu porco, tu cão.
- [8] Prato à base de milho.
- [9]m, dois, três, quatro.²
- [10] Organização de Defesa Popular; milícias populares autorizadas pelo MPLA.
- [11] Bebida tradicional à base de milho.
- [12] Cão.
- [13] Tecido de algodão.
- [14] Kundi, nosso homem, nosso líder.
- [15] Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove.
- [16] Prato tradicional vegetariano, à base de folhas de mandioca.
- [17] Os meus gémeos chegaram.
- [18] Bebida tradicional à base de seiva de palmeira fermentada.

Índice

Nome de mãe

O que ficou por contar

Um homem muito alto e uma mulher muito baixa entram
num bar

O velho artista

Mãe de gémeos

Verão quente

O nome da mãe

Mãe, madre, mother

Mama-san

Heitor e a mãe

Quem deus inventou

Sobre o livro

Sobre os autores

Créditos

Notas